

# TransAmigas

University of California San Francisco  
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

PROJETO TRANSAMIGAS: Melhorando a Saúde  
de Travestis e Mulheres Trans vivendo com HIV

◆ RELATÓRIO FINAL DO CAMPO ◆

07 de janeiro de 2020



### **Identificação**

PROJETO TRANSAMIGAS: Melhorando a Saúde de Travestis e Mulheres Trans vivendo com HIV  
(*Improving health outcomes for women living with HIV*)

### **Período de realização**

Maio de 2017 a Outubro de 2019

### **Investigadora Principal**

Sheri A. Lippman

### **Co-investigadora**

Jae Sevelius

### **Investigadora Principal no Brasil**

Maria Amélia de Sousa Mascena Veras

### **Co-investigador**

Gustavo Santa Roza Saggese

### **Financiamento**

R34MH112177 - NIH - National Institutes of Health

### **Apoio**

Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CRT)

Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho - FAVC

Projeto transamigas: melhorando a saúde de travestis e mulheres trans com HIV (improving health outcomes for women living with HIV). / Sheri A. Lippman ... [et al.]. - São Paulo, 2020.

56 p.

Vários Colaboradores.

Apoio: Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CRT).

Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho - FAVC

1. Projetos em saúde 2. Travestis 3. Mulheres trans 4. HIV I. Lippman, Sheri A. II. Veras, Maria Amélia Sousa Mascena III. University of California San Francisco IV. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo V. Título.

CDD- 301.4157

### **Equipe BRASIL**

Cintia Spindola Luciano  
Daniel Dutra de Barros  
Gustavo Santa Roza Saggese  
Hailey Gilmore  
Isabela Leite Concílio  
Jae Sevelius  
Katia Cristina Bassichetto  
Laura Murray  
Luca Fasciolo Maschião  
Maria Amelia de Sousa Mascena Veras  
Paula Galdino Cardin de Carvalho  
Renata Batisteli de Oliveira

### **Navegadoras**

Adrielly Martins  
Bianca Oliveira Pereira (Bianca Mahafe)  
Brunna Valin  
Daniela Costa  
Kristen de Oliveira  
Janca dos Santos Moreira  
Lorhany Barbosa  
Vanessa Holanda de Sousa  
Eliza Santos (in memorian)

### **Apoio administrativo**

Jucélia Barbosa  
Rodrigo Calado

### **Colaboração**

Rejane Alves Fraissat  
Marisa Fumie Nakae  
Patrícia Porchat

# SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....  | <b>6</b>  |
| <b>I. INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>7</b>  |
| <b>II. SUBMISSÃO E APROVAÇÃO ÉTICA</b> .....   | <b>9</b>  |
| <b>III. GERENCIAMENTO DOS RECURSOS FINANCEIROS<br/>E APOIO ADMINISTRATIVO</b> .....      | <b>10</b> |
| <b>3.1.</b> Ressarcimento de despesas mediante adiantamento .....                        | 11        |
| <b>3.2.</b> Reembolsos mediante Nota Fiscal pós realização<br>da compra – Recargas ..... | 11        |
| <b>3.3.</b> Contratação do pessoal .....   | 11        |
| <b>3.4.</b> Contratação de Serviços de Terceiros .....                                   | 12        |
| <b>IV. CONSTITUIÇÃO E TREINAMENTO DA EQUIPE</b> .....                                    | <b>13</b> |
| <b>4.1.</b> Navegadoras de Pares .....   | 13        |
| <b>4.2.</b> Formação específica da Navegação de Pares .....                              | 15        |
| Aprendizados referente à formação das NP .....   | 15        |
| <b>4.3.</b> Seleção dos demais membros da equipe de campo<br>da pesquisa .....           | 16        |
| <b>V. ETAPA – PESQUISA FORMATIVA</b> .....   | <b>17</b> |
| <b>5.1.</b> Entrevistas com Informantes-chave e Grupos Focais .....                      | 17        |
| <b>5.2.</b> Seleção das navegadoras de pares .....                                       | 17        |
| <b>5.2.1.</b> Aprendizados referentes ao processo seletivo das NP .....                  | 18        |
| <b>VI. ELABORAÇÃO DO MANUAL DE NAVEGAÇÃO DE PARES</b> .....                              | <b>20</b> |
| <b>6.1.</b> Sessões de navegação .....   | 22        |
| Lista de sessões, temas e respectivos brindes:.....                                      | 22        |
| <b>6.1.1.</b> Plano de Desejos.....  | 23        |
| <b>6.1.2.</b> Exercício de Afirmção de Gênero .....                                      | 23        |
| <b>VII. SUPERVISÕES COLETIVAS E INDIVIDUAIS DAS NP</b> .....                             | <b>24</b> |
| <b>7.1.</b> Supervisão .....   | 24        |
| <b>7.1.1.</b> Aprendizados específicos da Supervisão.....                                | 25        |
| <b>VIII. ENTREVISTAS BASELINE, DE SEGUIMENTO E<br/>DE ENCERRAMENTO</b> .....             | <b>26</b> |
| <b>8.1.</b> Etapa De Captação, Recrutamento e Inscrição .....                            | 26        |
| <b>8.2.</b> Etapa de Seguimento .....  | 30        |
| <b>8.2.1.</b> Ligações de 3 meses .....  | 30        |

|                     |  |           |
|---------------------|--|-----------|
| 8.2.2.              | Entrevistas de 9 meses.....  | 31        |
| 8.2.3.              | Entrevistas com as navegadoras.....  | 32        |
| 8.3.                | Interface com a equipe de navegadoras de pares.....  | 33        |
| 8.4.                | Interface com a equipe do CRT.....   | 33        |
| 8.5.                | Interface com Programador e Gerente de Dados.....  | 35        |
| <b>IX.</b>          | <b>GERENCIAMENTO DE DADOS.....</b>   | <b>36</b> |
| 9.1.                | Atividades desenvolvidas pelo Programador de Dados.....                                      | 36        |
| 9.1.1.              | Antes do Início do Campo.....  | 36        |
| 9.1.2.              | Depois do Início do Campo.....   | 37        |
| 9.1.2.1.            | Manutenção da qualidade e fluxo dos dados.....   | 37        |
| 9.1.2.2.            | Monitoramento da atuação das NP.....   | 37        |
| 9.1.2.3.            | Extração dos dados clínicos.....   | 38        |
| 9.2.                | Atividades desenvolvidas pela Gerente de Dados.....  | 38        |
| 9.2.1.              | Atividades Gerais.....   | 38        |
| 9.2.2.              | Monitoramento e Avaliação de dados.....  | 39        |
| <b>X.</b>           | <b>ATIVIDADES COLETIVAS.....</b>   | <b>42</b> |
| 10.1.               | O que foi planejado.....   | 42        |
| 10.2.               | O que foi executado.....   | 42        |
| 10.2.1.             | Parceria com a Secretaria da Cultura<br>do Estado de São Paulo.....                          | 43        |
| 10.2.2.             | Parceria com Defensoria Pública do Estado<br>de São Paulo.....                               | 44        |
| 10.2.3.             | Espaço NUDHES.....   | 45        |
| 10.2.4.             | Parcerias.....   | 46        |
| 10.2.5.             | Comunicação.....   | 46        |
| 10.2.6.             | Comunicação com as participantes para<br>as atividades coletivas.....                        | 47        |
| 10.3.               | Lições aprendidas no desenvolvimento<br>de atividades coletivas.....                         | 49        |
| 10.3.1.             | Pontos fracos.....   | 49        |
| 10.3.2.             | Pontos fortes.....   | 49        |
| <b>XI.</b>          | <b>SITUAÇÕES ESPECIAIS.....</b>  | <b>51</b> |
| <b>XII.</b>         | <b>LIÇÕES APRENDIDAS.....</b>  | <b>53</b> |
| <b>ANEXO I.....</b> | <b>QUADRO RESUMO DAS ATIVIDADES QUE OCORRERAM<br/>EM CADA UMA DAS ETAPAS DO PROJETO.....</b> | <b>56</b> |

# APRESENTAÇÃO

No encerramento do projeto **TransAmigas**, antes mesmo de nos debruçarmos sobre a análise do conjunto de dados gerados e apresentar resultados, resolvemos fazer um relatório circunstanciado de todas as etapas da sua construção e implementação, desde a sua submissão ética até a extração de dados clínicos realizada na etapa final da pesquisa, com vistas a não só fazer uma prestação de contas, mas principalmente, identificar as lições aprendidas, em que situações acertamos e onde poderíamos ter feito diferente.

A escrita deste relatório é resultado de um esforço coletivo do time brasileiro, no qual se envolveram os responsáveis por cada atividade. Duas reuniões presenciais contribuíram para estabelecer consensos em relação às lições aprendidas e aos desafios encontrados. Ainda assim, sabemos que dificilmente conseguiremos traduzir o enorme esforço para implementar este projeto e nem dar o crédito merecido a tantas contribuições pessoais e institucionais, sem as quais teria sido impossível fazê-lo.

A versão final foi produzida a 4 mãos, por Katia Bassichetto e Maria Amélia Veras, que buscaram organizar as contribuições, sem alterar substancialmente os textos originais.

Esperamos que os elementos de avaliação aqui relatados possam servir para orientar futuros estudos com a população de Travestis e Mulheres Trans (TrMT), bem como sistematizar os ajustes a serem feitos no futuro projeto de pesquisa "Reduzindo o Estigma Interseccional entre Travestis e Mulheres Trans no Brasil (Projeto Guerreiras)", a partir desta experiência piloto.

# INTRODUÇÃO

O presente relatório descreve o processo de desenvolvimento e implementação do Projeto TransAmigas em suas várias etapas. Trata-se de estudo piloto de uma intervenção comportamental, que teve como objetivo examinar a viabilidade, a aceitabilidade e a eficácia do estabelecimento de um programa de navegação por pares específico para travestis e mulheres transexuais (TrMT).

O desenho desta pesquisa se baseou no modelo I-Care-NP, desenvolvido pela Dra. Sheri Lippman, utilizando o referencial teórico do modelo de afirmação de gênero (MAG), proposto pela Dra. Jae Sevelius para ser utilizado no contexto brasileiro com TrMT. A equipe local, com apoio da equipe da Califórnia, foi responsável pela adaptação para o contexto brasileiro, dos procedimentos, manuais e conteúdo do treinamento, oriundos do I-Care, utilizando a metodologia ADAPT-ITT<sup>1</sup> e integrados ao MAG. Previamente à implementação do TransAmigas, foi realizada uma pesquisa formativa para compreender barreiras sociais, estruturais e pessoais aos cuidados no Brasil. Ao término da fase de intervenção, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com entrevistas em profundidade com as navegadoras de pares (NP).

Neste estudo, a NP foi baseada na construção de vínculo e apoio de TrMT vivendo com HIV (NP) às participantes, pares. As NP foram treinadas para atuar junto às participantes do estudo, avaliando suas dificuldades de se vincular e aderir ao tratamento do HIV e ter acesso a outros serviços, ajudando-as com planos e estratégias de superação de tais dificuldades. Ao longo de nove meses, período da intervenção, as participantes foram encorajadas a assumir maior autonomia para identificar e implementar suas próprias estratégias de resolução de problemas para se tornarem independente das NP.

---

1 The Institute of Medicine (IOM) recommends the use of HIV prevention interventions with proven efficacy to avert new infections. Given the time and cost associated with the development, implementation and evaluation of efficacious HIV interventions, adapting existing evidence-based interventions (EBIs) to be appropriate for a myriad of at-risk populations may facilitate the efficient development of new EBIs. Unfortunately, few models of theoretic frameworks exist to guide the adaptation of EBIs. Over the past few years, the authors have systematically developed a framework for adapting HIV-related EBIs, known as the "ADAPT-ITT" model. The ADAPT-ITT model consists of 8 sequential phases that inform HIV prevention providers and researchers of a prescriptive method for adapting EBIs. The current article summarizes key components of the ADAPT-ITT model and illustrates the use of the model in several case studies. The ADAPT-ITT model: a novel method of adapting evidence-based HIV interventions. JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes 47 Suppl 1(Suppl 1):S40-6, 2008. [https://www.researchgate.net/publication/5551524\\_](https://www.researchgate.net/publication/5551524_)

A hipótese é que o conjunto de intervenções sistematizado na navegação por pares pode ajudar a melhorar a adesão ao tratamento antirretroviral (TARV) nesta população, levando a melhores desfechos de saúde.

As Etapas do Estudo foram: *Pesquisa Formativa* - Realização de Grupos Focais (GF) com o público-alvo da pesquisa, mediados por facilitadores, com duração aproximada de 90 minutos. Teve como objetivo conhecer as necessidades dessa população e verificar como estabelecer comunicação de qualidade com ela. O recrutamento de participantes para os GF se baseou em indicações por meio de redes de relações sociais e profissionais conhecidas pela equipe de pesquisa e outros participantes. *Estudo Piloto da Intervenção Comportamental* - Recrutamento de 113 participantes de 150 previstas no cálculo inicial da amostra. Estas foram identificadas a partir de três fontes: a) por outro estudo (epidemiologia global do HIV e pesquisa de prevenção para travestis e mulheres transexuais – Coorte TransNacional<sup>2</sup>) conduzido pelo mesmo grupo de pesquisadores deste estudo, b) pessoas já matriculadas no Centro de Referência e Treinamento DST/Aids (CRT – DST/Aids), ou por indicação de pares. As participantes foram randomizadas em dois subgrupos: a) Intervenção e b) Controle. As participantes de ambos os grupos foram encaminhadas para tratamento no CRT – DST/Aids ou já faziam tratamento neste estabelecimento de saúde pública. Foram acompanhadas durante nove meses, para determinar a viabilidade e a aceitabilidade da intervenção. Os dados relativos a esta etapa foram documentados, considerando o recrutamento das participantes e a retenção, que previa um contato telefônico 3 meses após a inscrição e uma entrevista aos 9 meses, a fim de preparar um estudo de eficácia, assim como os nove meses de engajamento nos desfechos de cuidado, atenção, retenção, adesão e avaliação da carga viral para HIV em cada intervenção, visando estimar o tamanho amostral para estudo amplo e multicêntrico. *Estudo de Eficácia* – Utilização de dados clínicos extraídos dos prontuários das participantes acompanhadas no CRT – DST/Aids, comparando a retenção em cuidados relacionados ao HIV e a carga viral entre as participantes que foram submetidas à intervenção, e as que receberam cuidados padrão.

A Pesquisa Formativa e o Estudo Piloto serão detalhados nos itens específicos.

---

<sup>2</sup> TransNacional - Projeto de parceria internacional, com início no Brasil em 2017, tem como objetivo principal avaliar incidência de HIV e determinantes sociais em saúde acompanhando uma corte de mulheres trans em vários países do mundo. Estudo financiado pelos National Institutes of Health (NIH).



## ||. SUBMISSÃO E APROVAÇÃO ÉTICA

Após a aprovação pelo comitê de ética (IRB) nos Estados Unidos, o processo de submissão ética no Brasil foi iniciado em meados de 2016. Como se trata de uma pesquisa com financiamento internacional, a regulamentação ética no Brasil prevê o processo em duas instâncias: uma local, neste caso o CEP do CRT e, após aprovação, uma nacional - avaliação pela CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

Na etapa de submissão ao CEP, foi necessária uma reunião presencial entre a coordenação da pesquisa e membros do comitê, para fazer esclarecimentos sobre o desenho da pesquisa, em especial sobre o papel das NP, que são membros da equipe de pesquisa, mas que em função do papel de implementadoras da intervenção, ao término do estudo seriam entrevistadas.

Em dezembro de 2016, finalmente, o projeto foi aprovado e encaminhado à CONEP. Em janeiro de 2017, esta avaliou o projeto e encaminhou algumas pendências. Foi necessário fazer uma adaptação na linguagem dos termos de consentimento livres e esclarecidos (TCLE), a fim de atender às demandas apresentadas. Os documentos revisados foram enviados à CONEP em fevereiro de 2017, mas somente em abril do mesmo ano recebemos um retorno, aprovando o projeto, porém fazendo algumas recomendações a serem apreciadas pelo CEP. A equipe incorporou as recomendações e o projeto teve sua aprovação final pelo CEP-CRT em maio de 2017.

A Instituição proponente foi a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC-SP), tendo como pesquisadora responsável no Brasil a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Amelia de Sousa Mascena Veras e registro no CAAE: 61338116.0.0000.5375.

Em junho de 2019, submetemos, como emenda, o roteiro de entrevistas em profundidade com as NP, também após ser aprovação pelo CEP nos Estados Unidos. O roteiro foi aprovado sem quaisquer restrições.

# |||. GERENCIAMENTO DOS RECURSOS FINANCEIROS E APOIO ADMINISTRATIVO

A Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho - FAVC, braço administrativo da FCMSC-SP, foi a Instituição responsável pelo recebimento do recurso financeiro advindo da instituição recebedora dos recursos nos Estados Unidos, The Regents of the University of California. Coube à FAVC a responsabilidade de administrar e prestar contas dos recursos, arcando com toda a parte administrativa, contábil e financeira do projeto.

Para atender às exigências do financiador, foi necessário que um subcontrato fosse assinado entre a FAVC e a Universidade da Califórnia. Eram requisitos para a instituição brasileira informar em detalhes sobre sua situação financeira, incluindo cópia do balanço patrimonial dos 2 anos anteriores e histórico de contratos com o governo dos EUA.

O contrato foi renovado anualmente durante o desenvolvimento da pesquisa em formato de emendas, em 2017 e em 2018. A cada nova emenda, foi necessário atualizar as informações prestadas inicialmente.

O subcontrato foi firmado em julho de 2017 e o primeiro *invoice*<sup>3</sup> foi solicitado em setembro de 2017. Os repasses foram sendo feitos à medida em que as despesas foram sendo realizadas.

A exigência inicial para a contratação de um seguro não foi necessária, uma vez que a apólice que a FAVAC possuía, em função de outro projeto da mesma pesquisadora, era suficiente.

Para atender às necessidades da pesquisa, houve necessidade de fazer uso de várias modalidades de realização das despesas, dentre as quais:

---

**3** *Invoice* –Solicitação de recursos financeiros para ressarcimento de despesas, com respectiva prestação de contas posterior, elaborada com periodicidade mensal, pelo apoio administrativo, especificando a quantia necessária para as atividades a serem realizadas. Segundo fluxo pré-estabelecido, passa para o representante da FAVC que aprova, mediante assinatura, sendo posteriormente enviada por e-mail, pela assistente de coordenação da pesquisa, para a instituição financiadora. Neste formulário são apontados os gastos do mês anterior, indicando as alíneas definidas no orçamento da pesquisa.

### 3.1. Ressarcimento de despesas mediante adiantamento

Solicitação de recursos financeiros para ressarcimento de despesas, com respectiva prestação de contas posterior. No caso específico do ressarcimento das participantes foi estabelecido um fluxo de solicitação de dinheiro trocado para não necessitar de troco. Esta solicitação era feita com antecedência de uma semana, para um montante de cerca de 15 dias, e a prestação de contas se dava mediante recibos assinados pelas participantes no momento das entrevistas *baseline* e de 9 meses.

### 3.2. Reembolsos mediante Nota Fiscal pós realização da compra – Recargas

A cada uma das NP foi fornecido um aparelho de telefone celular com acesso à *internet* e um *chip*, a serem utilizados exclusivamente para fins da pesquisa. Tanto as NP quanto as participantes recebiam recargas mensais, nos valores de R\$ 50 e R\$ 20, respectivamente, a fim de facilitar a comunicação entre si, além de manterem contato com a supervisão do TransAmigas, no caso das primeiras.

O processo de recarga para as NP era bastante simples. Todas possuíam a mesma operadora e uma listagem com seus números era mensalmente repassada à auxiliar administrativa do projeto, que providenciava a recarga remotamente e solicitava reembolso ao setor contábil da FAVC. A recarga mensal para as participantes, por sua vez, mostrou-se um pouco mais complexa. Embora o processo fosse essencialmente o mesmo, era necessário verificar a operadora de cada um dos números para que a recarga pudesse ser realizada. Além disso, algumas participantes trocaram de número com frequência, ao longo da pesquisa, o que resultou em eventuais atrasos na execução da recarga. Em alguns casos, as recargas não puderam ser realizadas porque os telefones estavam registrados em planos pós-pagos.

A fim de minimizar os problemas envolvendo recargas de participantes, a coordenação de pesquisa criou uma rotina de verificar periodicamente, junto às NP e entrevistadoras, os números corretos e atualizados. Esse procedimento reduziu significativamente os problemas. Ainda que baixo, o valor mensal de R\$ 20 em créditos de celular não era desprezível para uma parcela significativa das navegadas.

### 3.3. Contratação do pessoal

Para as funções de coordenação e assistente de coordenação, entrevistadoras, gerente e programador de dados, supervisora, responsável pelas atividades coletivas e NP.

### 3.4. Contratação de Serviços de Terceiros

Esta modalidade foi necessária para executar um conjunto de atividades pontuais como construção de *website*, compra de domínio e manutenção da página do TransAmigas na *internet*; ressarcimentos de gastos diversos para suprir as necessidades das atividades coletivas como: fotos individuais das NP com fotógrafo profissional, alimentação, professora para oficina de dança, piquenique (alimentação, bebidas), transporte, diárias como estratégia para ampliar a participação; realização de encontros técnicos e datas comemorativas; serviços gráficos – cartazes, banners, convites, sessões do manual, confecção de uma mandala, etc.



# IV. CONSTITUIÇÃO E TREINAMENTO DA EQUIPE

## 4.1. Navegadoras de Pares

Foram selecionadas 9 NP com previsão de que cada uma delas seria responsável por acompanhar cerca de dez participantes. As NP foram identificadas por meio de indicações de pares, GF, informantes-chave e redes sociais de TrMT, conhecidas da equipe em função de pesquisas anteriores, como Muriel<sup>4</sup>, Divas<sup>5</sup> e Coorte Transnacional. Os critérios para seleção das NP foram: engajamento ao próprio tratamento, adesão aos ARV, interesse comprovado e capacidade para apoiar outras TrMT HIV-positivas, disposição para trabalhar e estabelecer relações que pressupunham expor seu *status* de HIV para as participantes, conhecimento e familiaridade com serviços de saúde e recursos específicos para a população de pessoas trans e para prover procedimentos de afirmação de gênero em São Paulo, história comprovada de engajamento na construção da comunidade trans e/ou trabalho com essa população.

O processo de capacitação das NP buscou construir um relacionamento com a participante, compreender seu engajamento atual em cuidados com relação ao HIV e tratamento, identificar barreiras específicas que dificultassem o engajamento da mesma aos cuidados e adesão, identificar quais serviços a participante estava acessando, desenvolver um plano de ação para enfrentar as barreiras e lacunas identificadas. Estava prevista uma visita inicial e uma agenda regular de visitas e verificação de presença (*check-in*) (pelo menos um encontro presencial mensal e um *check-in* por WhatsApp, SMS ou telefone com cada participantes por mês), com no mínimo dois contatos

<sup>4</sup> Muriel – Estudo realizado no estado de São Paulo, entre 2014 e 2016, em sete municípios (São Paulo, São Bernardo do Campo, Santo André, Santos, Piracicaba, Campinas e São José do Rio Preto). Teve como objetivo coletar informações sobre características sociodemográficas; acesso a serviços e insumos de prevenção; testagem para HIV e conhecimento sobre a sorologia; vida sexual; uso de hormônios e outras intervenções para modificação do corpo; o uso de álcool e outras drogas; episódios de violência e discriminação; rede de relações e uso de territórios, participação em atividades de prevenção; e o grau de conhecimento sobre direitos de cidadania entre a população trans.

<sup>5</sup> Divas – Estudo nacional, realizado entre 2016 e 2017, que objetivou descrever o perfil socio-demográfico e comportamental, os conhecimentos, atitudes e práticas relacionadas à infecção pelo HIV/Aids e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre travestis e mulheres trans de 12 municípios brasileiros (Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, Belo Horizonte/MG, Salvador/BA, Recife/PE, Fortaleza/CE, Brasília/DF, Campo Grande/MS, Belém/PA e Manaus/AM) e estimar as taxas de prevalência de HIV, Sífilis e Hepatite B e C para cada rede social acessada utilizando metodologia RDS (Respondent-Driven Sampling).

por mês por nove meses, nas quais o progresso obtido para superar as barreiras fosse revisado e novas estratégias pudessem vir a ser desenvolvidas. O trabalho da NP poderia incluir um número maior número de contatos/mês, caso houvesse necessidade, para acompanhar as participantes em serviços sociais ou consulta, ou mesmo para ajudá-las a revelar o diagnóstico para familiares ou amigos. Também para auxiliar a resolver dificuldades e pensar soluções que surgissem ao longo do período da pesquisa. Durante nove meses, foram rastreadas a adesão das NP e das participantes ao projeto, por meio da aplicação de instrumentos desenvolvidos para este fim.

Foi também realizada uma pesquisa qualitativa (entrevista em profundidade) ao término do estudo acima com as NP, momento em que estas se tornaram participantes da pesquisa.

Para que as NP pudessem ser remuneradas pela pesquisa, por razões administrativas, as mesmas precisaram abrir uma Microempresa Individual (MEI), modalidade em que se faz um pagamento mensal mínimo (aproximadamente R\$ 50,00) e não há desconto adicional de impostos. Com o apoio da equipe da pesquisa, o processo foi feito. Uma dificuldade inicialmente encontrada foi realizar o cadastro no sistema da Prefeitura do Município de São Paulo, uma vez que a atividade de navegação de pares não constava como opção neste sistema. Outro entrave é que algumas tinham pendências anteriores, documental ou financeira, que impediam o cadastro. Foi necessário regularizar a situação para poderem abrir suas respectivas MEI. Um outro obstáculo a ser superado para aquelas que ainda não haviam obtido oficialmente o nome social, é que toda a documentação da MEI tinha que ser feita com o nome de registro. A equipe de pesquisa ministrou capacitação inicial sobre como abrir a MEI e as apoiou na administração de problemas que foram surgindo ao longo dos meses subsequentes até que todas as MEI estivessem regulares e que um fluxo de pagamento fosse estabelecido. Uma das NP, que já tinha MEI e conhecimento de como emitir os recibos mensais no sistema, ajudou as demais para que as mesmas tivessem autonomia.

Adicionalmente, foram necessárias sessões de capacitação para NP visando o aprimorar a qualidade do preenchimento de Formulários de Encontro Presencial e de Contato à Distância, além dos treinamentos destinados ao manuseio das sessões de navegação previstas para serem realizadas entre NP e suas participantes. O conteúdo dessas sessões incluiu discussão dos temas que foram propostos em cada sessão e atividades de formação para temáticas específicas, como por exemplo, como os antirretrovirais agem no organismo.

## 4.2. Formação específica da Navegação de Pares

Foram realizadas atividades de treinamento focadas no manuseio das sessões de navegação e na discussão dos temas que eram propostos nas mesmas, além de atividades de formação para temáticas específicas, algumas com convidados, porém a maioria ministrada pela equipe do NUDHES.

Para proporcionar o aprendizado não apenas dos temas fundamentais, mas também de como fazer pesquisas das informações necessárias ao trabalho de navegadora e apresentá-las para outras pessoas, os treinamentos iniciais foram apresentações de temas considerados importantes pelas navegadoras e supervisão de campo, sendo eles: bilhete de transporte especial para Pessoas vivendo com HIV (PVH), centros de acolhida, processo de alteração de documentação após retificação do nome, bolsa família, serviços específicos para a população trans, serviços para uso abusivo de álcool e outras drogas, cursos e atividades para a população trans.

Em algumas reuniões foram realizadas apresentações por todas navegadoras sobre o manual e sessões, e tiveram como objetivos a fixação do conteúdo, criação de maneiras de expressar os conhecimentos formais na linguagem adequada às participantes e confiança na capacidade de trabalho das NP.

### Aprendizados referente à formação das NP

- ▶ Alguns temas fundamentais não foram abordados de forma específica, ainda que tenham sido discutidos nessas atividades, mas ao longo do projeto demonstraram serem fundamentais ao trabalho de navegação com TrMT, como: conhecimento e uso da rede de assistência social; atuação de redução de danos; relacionamentos abusivos; saúde mental, especificando o manejo de algumas situações como depressão e tentativas de suicídio; comunicação não violenta; outras IST; perdas e lutos; pessoas em situação de rua; estratégias de enfrentamento da transfobia; e implicações do uso silicone industrial e do uso de hormônios autoadministrados.
- ▶ Necessidade de treinamento mais elaborado para as atividades administrativas do projeto, como o preenchimento de formulários, e a lógica e ética das pesquisas com seres humanos, pois por serem atividades e temas muito distantes do cotidiano da maioria das NP, elas tiveram muitas dificuldades em compreender e se organizar frente às atividades obrigatórias para a produção de dados e correta condução da pesquisa.

- ▶ Necessidade de criação de roteiro para os contatos iniciais, desligamentos e convites para atividades, pois as NP solicitavam a formulação de estratégias prontas para a realização dessas atividades;
- ▶ Realização de *role play* das sessões com o grupo de NP foi importante para proporcionar o aprendizado e a discussão sobre dúvidas e dificuldades. Alguns aspectos referentes a comportamentos das NP puderam ser trabalhados nesses momentos, bem como os referentes ao grupo e a comunidade trans, ainda que esses não fossem objetivos diretos destes momentos de formação;
- ▶ Importância de que as atividades formativas tenham momentos para a aplicação do aprendizado, pois proporciona maneiras de acompanhar como se deu a absorção do conteúdo e a maneira como será decodificado e transmitido durante as navegações.

### 4.3. Seleção dos demais membros da equipe de campo da pesquisa

A equipe foi constituída por membros do grupo de pesquisa NUDHES<sup>6</sup>, que já vinham trabalhando em outras pesquisas com a população de TrMT. O time é composto por pesquisadores com formação acadêmica na área de saúde ou ciências sociais, com experiências diversas, mas tendo em comum o trabalho sob a perspectiva dos direitos humanos e da não-discriminação. Para este projeto foram incorporadas novos pesquisadores, que se integraram à equipe previamente existente.

A formação/capacitação da equipe ocorreu em vários momentos, com objetivos distintos. Em um primeiro momento foi feita uma apresentação do projeto para *stakeholders* convidados e todos os membros da equipe, contando com participação das investigadoras dos Estados Unidos. Nesta ocasião houve treinamento para aplicação da entrevista, além de consulta sobre o logo e identidade visual do projeto.

Posteriormente, reuniões semanais com a equipe, sem as NP, ocorreram para discutir aspectos operacionais e encontros periódicos para analisar o andamento da pesquisa e compartilhar os dados com a presença de toda equipe, eventualmente também de alguns *stakeholders*.

---

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre o grupo de pesquisa NUDHES, consultar o site: [www.nudhes.com](http://www.nudhes.com)



## V. ETAPA – PESQUISA FORMATIVA

### 5.1. Entrevistas com Informantes-chave e Grupos Focais

Entre outubro de 2017 e janeiro de 2018 foram realizadas 10 entrevistas – 8 (oito) com informantes-chave - TrMT e 2 (duas) com profissionais de saúde especializadas no atendimento a essa população.

Em outubro de 2017, foram realizados 3 (três) GF com TrMT, nas regiões leste, sul e central, com perfis variados, sendo ativistas de diversos movimentos sociais e agentes de prevenção, além de profissionais do sexo, cabeleireiras e outras profissionais liberais. Os grupos contaram, no total, com 24 participantes (ativistas do movimento LGBT, de HIV e de direitos humanos, agentes de prevenção, pesquisadora, auxiliar de limpeza que já havia participado de pesquisas coordenadas pelo NUDHES, médica infectologista, assistente social e moradoras da Casa Florescer, um abrigo voltado à população trans na região central de São Paulo.

Tanto nos grupos como nas entrevistas, buscou-se desenvolver questões relacionadas às necessidades e barreiras de acesso de TrMT em serviços sociais e de saúde, especialmente no que diz respeito ao HIV. Foram obtidas informações sobre serviços disponíveis, quais eram utilizados com maior frequência por essa população e desafios para a testagem, obtenção de cuidados e adesão à terapia antirretroviral. Buscou-se, também, explorar que características seriam essenciais para uma NP no Projeto TransAmigas, além de sua opinião sobre o logo do projeto e o que pensavam sobre os tópicos a serem trabalhados durante o processo de navegação. O *feedback* obtido durante a pesquisa formativa teve importância fundamental para a elaboração da etapa seguinte, quando realizamos a seleção de NP e implementamos o estudo de intervenção.

### 5.2. Seleção das navegadoras de pares

O processo de seleção de NP ocorreu entre março e abril de 2018 e foi subdividido em quatro etapas:

- ▶ Listadas indicações provenientes da etapa formativa, além de nomes sugeridos por integrantes da equipe de pesquisa com base em sua experiência pessoal.
- ▶ Realizadas entrevistas individuais com 15 candidatas pré-selecionadas, sondando seu interesse, disponibilidade, capacidade para trabalhar em equipe e grau de conforto com relação ao próprio *status* sorológico. Apenas uma das candidatas não era HIV-positiva.

- ▶ Realizado treinamento coletivo com duração de 3 (três) dias, subdivididos entre reuniões com a equipe de pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos. Neste foram utilizadas dinâmicas de grupo e exercícios baseados no manual de navegação, incluindo *role play*. Buscou-se observar não somente o desempenho individual das candidatas, mas também o modo como se relacionavam entre si. Três das 15 concorrentes desistiram no decorrer do processo. Foram convidadas 12 candidatas remanescentes para devolutivas individuais, sendo 9 (nove) selecionadas como NP em virtude de seu histórico, qualidades pessoais e bom relacionamento com suas colegas; e as 3 (três) restantes dispensadas por diferentes motivos: **a)** interação conflituosa com as demais; **b)** *status* sorológico negativo para o HIV, algo que se mostrou potencialmente problemático para o processo de navegação; e **c)** ausência de clareza quanto à autoidentificação como TrMT, o que poderia comprometer a ideia de “navegação por pares”.

### 5.2.1. Aprendizados referentes ao processo seletivo das NP

- ▶ Dificuldade quanto às indicações – limitado o número de pessoas TT que revelavam publicamente seus *status* sorológicos
- ▶ A ficha de entrevistas possibilitou a divisão da equipe na realização da tarefa, sendo feita uma reunião de avaliação para a tomada de decisão sobre as que seriam selecionadas.
- ▶ Importância da entrevista ANTES, devido a possibilidade da dedução por outras TT do *status* sorológico, durante as atividades coletivas para seleção e treinamento.
- ▶ A lógica de processo seletivo instaurou em alguns momentos competições e dificuldades de interação das participantes, o que atrapalhou a avaliação sobre a capacidade de colaborar e cuidar de uma NP, bem como a manutenção do foco nas informações transmitidas, por isso, seria importante que fossem momentos distintos o de seleção e treinamento das NP;
- ▶ Divisão das atividades em dupla foram úteis para a percepção do funcionamento das possíveis navegadoras em par;
- ▶ Atividade *Caminhada da Diferença*<sup>7</sup> foi muito produtiva e marcante para elas;

---

<sup>7</sup> Caminhada da Diferença – realizada em 02 de fevereiro de 2018, a IV Caminhada pela Paz, com o tema “Travestis e Transexuais, nossas vidas importam”. O evento foi organizado pelo CAIS (Centro de Apoio e Inclusão Social de Travestis e Transexuais, e contou com a participação de militantes sociais, ativistas, gestores públicos e artistas e teve como objetivo celebrar o orgulho trans e lutar por dignidade e cidadania.

- ▶ Construção da *Atividade de Afirmação de Gênero* produziu informações úteis para o tipo de atividades e estratégias de aproximação que são interessantes para elas, o que pode ser utilizado para a elaboração das sessões;
- ▶ Entrevista de devolutiva, apesar de ser de difícil organização em virtude da incompatibilidade de horários e frustrantes para as que não foram selecionadas, foi importante para o cuidado e manutenção da proximidade com a entrevistada e comunidade TT;
- ▶ Importante a entrega de certificados e declarações de participação, que podem ser utilizadas para programas sociais ou contabilizadas como comprovantes de atividade de formação;
- ▶ A presença de lideranças instituídas da comunidade trans inibiu algumas das participantes com pouca participação política e pública na comunidade;
- ▶ Há necessidade de criar espaços para a narrativa de histórias pessoais, que muitas vezes apareciam fora do contexto proposto;
- ▶ Durante o processo seletivo verificou-se que o conhecimento sobre HIV das candidatas a NP era muito limitado, apesar de algumas delas fazerem tratamento há muitos anos. Foi necessário o investimento de um tempo maior do que o planejado fornecendo informações básicas e discutindo mitos sobre HIV/Aids;
- ▶ A apresentação das sessões durante o processo seletivo/treinamento foram pouco efetivas e geraram confusões. Possivelmente seria mais efetivo, nesse primeiro momento, focar em prover explicações mais detalhadas sobre o projeto e as principais bases de trabalho, navegação de pares e afirmação de gênero;
- ▶ Atividades compostas apenas por explanações funcionaram pouco. As que tinham atividades de produção por elas próprias e interação maior com quem estava mediando foram menos dispersas;
- ▶ Períodos muito extensos de treinamento são pouco produtivos e geram dificuldades práticas, como a falta de dinheiro para alimentação e não cumprimento de horários no período da manhã.

## VI. ELABORAÇÃO DO MANUAL DE NAVEGAÇÃO DE PARES

Como já mencionado, o manual de navegação de pares utilizado no TransAmigas teve como base o I-Care, pesquisa com navegação de pares conduzida em comunidades rurais na África do Sul. Além de traduzi-lo para o português e adaptá-lo para um contexto de pesquisa envolvendo TrMT em São Paulo, ajustes de linguagem que facilitassem sua compreensão por parte das navegadoras brasileiras se fizeram necessários.

O primeiro capítulo do manual foi transformado em uma introdução contendo dados sobre a população de TrMT, além de questões sobre o processo de navegação de pares e afirmação de gênero, aspecto central do projeto. As sessões, originalmente aplicadas em pesquisas conduzidas pela Dra. Jae Sevelius nos EUA, foram suprimidas nos capítulos da versão em português e trabalhadas como material auxiliar junto às NP, individualmente e em grupo. Assim como o restante do manual, os exercícios das sessões foram adaptados de maneira a possibilitar sua aplicação entre a população de TrMT brasileiras.

Contendo originalmente 13 capítulos, na versão em português esse número foi reduzido para 6 (seis). Em parte, tal redução se deveu à supressão de algumas das sessões, mas alguns capítulos foram condensados e desdobrados em diferentes tópicos. Ao final, novos tópicos foram incluídos, como um novo capítulo que resumizava as regras do grupo de WhatsApp (criado para facilitar a comunicação entre a supervisão e o grupo de NP) e do trabalho de navegação de pares em geral, visando um convívio mais harmonioso e o bem-estar das participantes, bem como a preservação de suas identidades.

Além de uma linguagem simplificada, optou-se por incluir cores e emojis<sup>8</sup> ao longo do manual, algo com o qual as NP e as participantes costumam se identificar devido à frequente comunicação por este meio, dando a ele um caráter mais lúdico.

Incluímos, também, informações sobre como navegar pessoas em situação de rua ou que exercem trabalho sexual, situações comumente encontradas entre TrMT brasileiras.

---

**8** Emoji – Também chamados de emoticons ou smyles – Palavra formada pela junção de dois termos em japonês: E= *imagem* (pictograma) + MOJI = *letra*. Os emojis têm sido muito utilizados nas mensagens eletrônicas e representam em imagens as emoções. <http://estacaoeducativomlp.com.br/napontadalingua/2016/09/19/na-lingua-dos-emojis/>

Um diagrama contendo o mapa de navegação, com uma síntese de cada uma das sessões, foi adicionado no capítulo referente ao primeiro encontro das NP com as participantes.

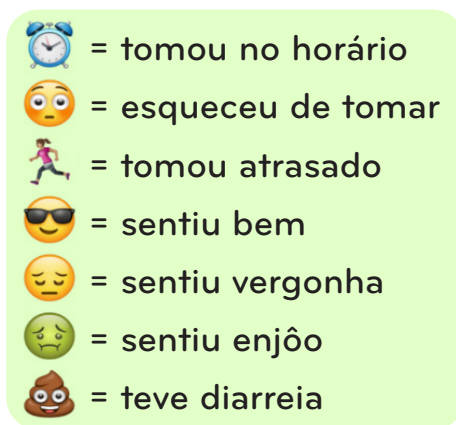
Para a elaboração do Manual “Bússola de Navegação” buscamos realizar a adaptação transcultural das estratégias de adesão e de afirmação de gênero propostas pelas equipes das pesquisadoras americanas Sheri Lipman e Jae Sevelius (Lipman, 2015, Sevelius, 2017), levando em consideração o contexto sociocultural e as necessidades específicas das TrMT brasileiras, bem como as múltiplas situações que interferem diretamente na adesão e realização ao tratamento controle do HIV.

Mantivemos a estrutura de apresentação com uma introdução sobre os conceitos de adesão, afirmação de gênero e razões para a realização do trabalho com TrMT. Inserimos nesta etapa questões pertinentes ao modelo de saúde brasileiro, o Sistema Único de Saúde - SUS, que apresenta características muito distintas do vigente nos EUA e África do Sul, países nos quais foram realizadas as duas intervenções que são matrizes do TransAmigas.

Na realização da adaptação do manual foi muito importante levar em consideração o nível de escolaridade do grupo no qual a pesquisa focou, que de acordo com dados de pesquisas anteriores, uma parcela substancial não conclui o ensino durante a infância e/adolescência e muitas vezes tem a escola como um local de vivência de múltiplas violências, o que impacta em muitas dificuldades no campo da compreensão de textos e outras referências pedagógicas formais.

Assim, na adaptação buscamos utilizar uma linguagem simplificada e apresentar os referenciais conceituais do projeto de forma mais acessível, evitando citações e quadros explicativos complexos, fazendo uso de exemplos cotidianos para a apresentação dos conceitos.

Na apresentação gráfica/estética de todo o material utilizado pelas NP são utilizados emojis que remetem à linguagem usual das redes sociais, além de introduzir um caráter mais lúdico, em especial do aplicativo WhatsApp, pelo qual parte substancial da comunicação entre NP e participantes ocorre, além de ser de fácil uso e acesso à maior parte das participantes, pois tal ferramenta possibilita a troca de mensagens escritas e por áudio, além da possibilidade de trocas de imagens e outros tipos de arquivos.



Exemplo de quadro para estimular estratégias de adesão com o uso de emojis.

### 6.1. Sessões de navegação

As sessões foram encontros presenciais mensais, que tinham tarefas a serem realizadas ao longo dos meses, abordando diversos temas, que se interligam e dialogam com as propostas de adesão e afirmação de gênero.

Em parte dos encontros as NP ofertavam, para cada uma das suas participantes, brindes, que tinham relação com a temática da sessão realizada ou que serviam de lembrete para a próxima sessão. A partir do segundo encontro presencial, duas tarefas serviram de ligação entre todo o processo de navegação: o "Plano de desejos" e o "Exercício de Afirmação de Gênero".

#### Lista de sessões, temas e respectivos brindes:

**Sessão 1** - Virando TransAmigas

**Sessão 2** - "Plano de Desejos"

**Sessão 3** - Características pessoais – calcinha trans

**Sessão 4** - Comunicação – ficha de comunicação assertiva e agenda

**Sessão 5** - Adesão – cartela de adesivos de emoticons e porta-comprimidos

**Sessão 6** - Suporte social

**Sessão 7** - Autoestima - batom

**Sessão 8** - Mandala de desejos – mandala para colorir e canetas hidrográficas

**Sessão 9** - Graduação – porta-retratos e certificado de conclusão

### 6.1.1. Plano de Desejos

O Plano de Desejos é uma estratégia que visou a construção de metas e a busca de maneiras para transpor as barreiras para a realização dos desejos. Ele foi construído em parceria pela dupla NP-participante, e teve como base três níveis possíveis de horizontes, representados pelas cores rosa, azul e verde, com o estabelecimento de estratégias para realização de desejos em diferentes prazos e possibilidades de realização:

- ▶ **ROSA** – “Vou lacrar!” – Desejos que a participante considerou de fácil realização;
- ▶ **AZUL** – “Agora não consigo...” - Desejos que a participante considerou que não são viáveis de realizar nesse momento e
- ▶ **VERDE** – “Preciso de esperança” - Desejos que dependem de outras pessoas/situações além da atuação da participante.

A NP deveria estimular a participante, caso não isso ocorresse espontaneamente, que o estabelecimento do plano de desejo incluísse questões acerca de saúde e gênero. A partir do plano de desejos, a participante e a NP identificavam estratégias para que a participante pudesse alcançá-los, possíveis dificuldades e necessidade de auxílios, e qual a principal motivação para a realização de tais desejos. Ao longo do processo de navegação, esses desejos foram registrados e guardados em envelopes com as cores correspondentes e foram revistos mensalmente, para que juntas, NP e participante, avaliassem quais foram os resultados obtidos e planejassem novos passos na direção de sua realização.

### 6.1.2. Exercício de Afirmação de Gênero

Dentro do referencial da Afirmação de Gênero, a realização destes exercícios tem a função de proporcionar relaxamento após a realização da sessão, trazer à tona aspectos e vivências positivas no que se refere à experiência de gênero e fortalecer o vínculo entre NP e Participante (Sevelius et al)

Na adaptação brasileira, em conjunto com as NP, exercícios de afirmação de gênero foram construídos em grupo, de forma a proporcionar uma maior adequação ao contexto brasileiro, bem como possibilitar que as NP estivessem à vontade para a realização da tarefa.

A atividade tem início com um rápido exercício respiratório, seguido da narrativa da NP para que a participante relembre uma situação na qual foi reconhecida em seu gênero e, por fim, a NP solicita uma palavra-chave para descrever a sensação sobre tal momento.

## VII. SUPERVISÕES COLETIVAS E INDIVIDUAIS DAS NP

### 7.1. Supervisão

Uma das atividades fundamentais do estudo é a supervisão das NP. A estratégia inicialmente pensada para a supervisão precisou ser alterada ao longo do projeto. Inicialmente eram realizadas supervisões coletivas no mesmo dia das atividades de formação das NP, com cada uma delas apresentando o relato sobre a condução de uma navegação, atentando-se para as questões de sigilo da identidade da participante. Essa forma de supervisão mostrou-se interessante no primeiro momento, pois proporcionava o aprendizado com a navegação de outra pessoa e a emergência de temas e ideias preconcebidas e/ou de senso comum sobre as questões particulares das participantes, propiciando a oportunidade de se discutir como muitas dessas dificuldades estão presentes na vida de muitas TrMT e, algumas outras, para todos os grupos populacionais. No entanto, conforme o número de participantes sob responsabilidade de cada NP aumentou, e com a observação de que havia diferentes níveis de engajamento no trabalho, as supervisões coletivas tornaram-se pouco efetivas, pois não havia tempo suficiente para discussão de todas as demandas de cada NP acerca das situações enfrentadas.

Assim, passaram a ser feitas supervisões individuais, com frequência aproximadamente mensais, com o objetivo de apresentação da situação da navegação naquele momento e a criação conjunta, entre NP e supervisora, de estratégias individuais para a navegação, contendo as seguintes etapas para cada participante:

- ▶ Relato atual da relação NP-P
- ▶ Sensação/impressão da NP sobre cada participante e relação entre elas
- ▶ Principais temas a serem trabalhados com essa participante
- ▶ Orientações de estratégias de condução da navegação
- ▶ Tarefas a serem realizadas e prazos para sua realização

As supervisões coletivas continuaram a ocorrer, porém com periodicidade maior, e em geral contando com a presença da coordenação e vice-coordenação da pesquisa.



### 7.1.1. Aprendizados específicos da Supervisão

Apesar de não ter sido prevista no desenho operacional inicial da supervisão, uma conversa sobre o momento atual da vida da NP se mostrou necessária, pois muitas vezes as dificuldades que a NP estavam vivenciando acabavam por influenciar a sua leitura das dificuldades das participantes (contratransferência<sup>9</sup>);

Para uma NP acompanhando 10 participantes, o tempo necessário de supervisão é de aproximadamente 60 minutos. Quando no momento de supervisão existiam questões mais administrativas a serem discutidas, estas acabavam se sobrepondo às demandas subjetivas, mais complexas de serem vivenciadas e faladas, portanto se tornou importante a divisão de momentos para a supervisão de cada uma das tarefas;

Tornou-se evidente a necessidade de criar um outro momento para tratar das inúmeras demandas das NP, que na opinião da supervisora das NP deve ser realizada por profissional distinto do que realiza a supervisão de campo;

Nas sessões de supervisão coletiva, os conflitos entre as NP emergiram com muito mais frequência do que nas sessões individuais, sendo importante a atenção de quem supervisiona o grupo para este fenômeno;

Foram observadas necessidades de:

- ▶ Agir mais prontamente quando uma navegadora não consegue desempenhar o papel proposto por questões pessoais;
- ▶ Criar um fluxo de ação mais detalhado para os casos de poucos contatos e avaliação de desligamento (padronização de mensagem enviada pela NP, tempo e tentativas de ligação da supervisão, possibilidades de retorno etc.)

---

9 Contratransferência - Para Freud, a contratransferência define-se por ser a transferência do analista em relação ao paciente ou a resposta do analista à transferência do paciente, ou seja, a reação emocional, controlada, consciente e adequada do terapeuta ao paciente. (<https://www.google.com/search?q=contratransfer%C3%A2ncia+freud&oq=contratransfer%C3%A2ncia&aqs=chrome.1.69i57j0l6j69i60.7116j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>)

# VIII. ENTREVISTAS BASELINE, DE SEGUIMENTO E DE ENCERRAMENTO

## 8.1. Etapa De Captação, Recrutamento e Inscrição

Em abril/maio de 2018 deu-se o início do trabalho de campo das entrevistadoras no CRT e do contato efetivo com potenciais participantes para a pesquisa TransAmigas. Na primeira semana, foram feitos os envelopes de randomização, a distribuição de celulares e *tablets* para as entrevistadoras; a definição de uma sala onde seria possível realizar as entrevistas; a organização do armário contendo os materiais para a pesquisa; a organização do dinheiro e envelopes para ressarcimento, e os *kits* de *nécessaire* que seriam distribuídos para as participantes contendo batom, camisinha, lubrificante e "chuca"<sup>10</sup>. Este período também serviu para familiarização e adaptação das entrevistadoras junto à equipe do CRT.

Como já mencionado, os critérios para identificar pessoas potencialmente elegíveis para participar da pesquisa eram: ser TrMT, maiores de 18 anos e com diagnóstico positivo para o HIV, recém-diagnosticadas, há menos de um ano (especificamente a partir de maio de 2017), ou terem iniciado o tratamento em período anterior a este, mas que tivessem abandonado.

Durante esta primeira etapa, as entrevistadoras trabalharam em esquema de plantão no CRT em horário comercial, sendo 20h de trabalho para cada uma, totalizando 40h semanais de disponibilidade para realizar entrevistas. Em geral, as entrevistadoras estavam no serviço de saúde em dias alternados para realizar o recrutamento e captação de participantes. A perspectiva era conseguir 150 participantes em 3 meses, 100 seriam alocadas no grupo intervenção e 50 no controle, e a etapa de recrutamento se encerraria em 31/07/2018.

Entretanto, as dificuldades para alcançar este objetivo foram sentidas já nos primeiros momentos da pesquisa. Para poder entrar em contato com as mulheres elegíveis em abandono de tratamento no

---

<sup>10</sup> Chuca - Higienizador de ânus portátil que reduz o risco de infecções sexualmente transmissíveis (IST). Também conhecida como ducha retal, ou enema, é uma prática que consiste em lavar o reto antes do sexo anal, para evitar que restos de fezes sejam eliminados durante a penetração, o que pode causar constrangimento. Veja mais em <https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2018/07/13/higienizador-portatil-de-anus-chuca-divide-opinioes-de-especialistas/?-cmpid=copiaecola>

CRT, as entrevistadoras primeiro consultavam as planilhas do CRT na presença de uma das funcionárias do serviço e geravam uma lista de potenciais elegíveis para as quais a Equipe de Retenção ligava para convidar para a pesquisa. O processo resultou muito moroso, visto que a Equipe de Retenção tinha outras demandas de trabalho e verificou-se intervalo de tempo muito grande entre o contato em que a pessoa demonstrou interesse até o agendamento presencial para a entrevista.

Além dos telefonemas realizados para aquelas que estavam presentes no CRT para realizar alguma consulta ou outro procedimento e que, após ficarem sabendo da pesquisa por meio de algum profissional, aceitaram passar o contato, outras questões foram surgindo e sendo gerenciadas. Para algumas pessoas foi necessário ligar mais de dez vezes para conseguir agendar uma entrevista. Além disso, mesmo realizando agendamento, muitas faltavam e era necessário ligar novamente.

O fato de realizar a elegibilidade apenas no momento presencial da entrevista fazia com que várias pessoas fossem percebidas como não elegíveis, em geral porque já eram aderentes ao tratamento do HIV ou faziam tratamento em outro serviço que não o CRT. Vale lembrar que a estratégia de confirmar a elegibilidade pessoalmente tinha sido tomada por se considerar pouco confiável aferir o grau de adesão por telefone, quando as pessoas tendem a dar as respostas que expressem o comportamento desejado.

A pesquisa TransNacional (TN), conduzida pelo mesmo grupo e ocorrendo em paralelo no mesmo espaço do CRT, facilitou a captação de novas participantes, encaminhando aquelas com diagnóstico de HIV positivo. A equipe da pesquisa TN também serviu como apoio para as entrevistadoras, oferecendo não só a estrutura física da sala de pesquisa, como um espaço para troca e trabalho em conjunto.

Em função das dificuldades encontradas para atingir o número esperado de participantes, ao final do mês de maio houve uma revisão nos critérios de elegibilidade, quando passaram a poder ser incluídas também TrMT que tivessem menos do que duas consultas com infectologista do CRT no período de maio/2017 a maio/2018. Já eram consideradas elegíveis mulheres que não eram atendidas no CRT, mas que gostariam de se matricular neste serviço.

Entre junho e julho de 2018 foram exploradas várias possibilidades para aumentar o número de inscritas na pesquisa. Todas essas estratégias só foram efetivadas após mediação da gerente de dados

junto aos responsáveis pelos diversos setores envolvidos no CRT. Por exemplo, foi identificada a necessidade de modificar o processo de trabalho para que entrevistadoras tivessem autonomia de entrar em contato com as participantes em potencial, anteriormente limitado ao time do CRT. Em consequência, nos meses seguintes, além das trabalhadoras do CRT, as entrevistadoras também passaram a ligar diretamente para as mulheres convidando para a pesquisa, embora se apresentassem, inicialmente, como da equipe do CRT.

Em função de outras demandas de trabalho, a equipe de retenção precisou se afastar do cotidiano do projeto TransAmigas, não podendo mais realizar ligações, mas continuaram atentas e avisavam às entrevistadoras quando do agendamento de consultas de potenciais participantes para a pesquisa. Além disso, duas funcionárias verificavam a sorologia das TrMT que frequentavam o serviço, e registravam na listagem de potenciais participantes do CRT, evitando, com isso, o contato desnecessário com pessoas não elegíveis, já observado anteriormente.

Ainda assim, como o número de inscritas foi menor do que o previsto inicialmente, outras diferentes estratégias para ampliação de inscrição de participantes durante estes meses foram adotadas:

- ▶ Criação de uma lista com todas as TrMT soropositivas que participaram da entrevista do projeto TransNacional anteriormente e concordaram em serem chamadas para pesquisas futuras;
- ▶ Criação de uma página e um perfil do TransAmigas no Facebook, uma vez que essa é a única forma de contato de algumas participantes;
- ▶ Ação das NP em eventos e locais estratégicos para divulgação da pesquisa e distribuição de convites. As NP se engajaram no esforço de aumentar o número de participantes e realizaram atividades de captação de potenciais participantes nos seus locais de circulação, distribuindo um pequeno convite para a pesquisa criado para este fim;
- ▶ Distribuição de convite junto à equipe de Consultório na Rua, estratégia da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo para atendimento de pessoas em situação de rua, dentre elas TrMT;
- ▶ Atualização dos números de telefones junto à equipe do CRT;
- ▶ Atualização da planilha do CRT em relação ao agendamento de consultas futuras para as potenciais participantes, na tentativa de facilitar o encontro presencial com as entrevistadoras.

Com a implantação dos novos critérios, e resultado dos esforços coletivos, paulatinamente o número de participantes cresceu, e tanto a lista do CRT quanto da pesquisa TransNacional continham uma grande quantidade de potenciais participantes.

O período de recrutamento, inicialmente previsto para encerrar em agosto foi estendido até novembro de 2018. Durante todo o período foram realizados diversos esforços para ampliar o número de inscritas e auxiliar o contato entre NP e participantes, como por exemplo, a verificação de agendamentos futuros das participantes com as quais as navegadoras tiveram dificuldade de entrar em contato, na tentativa de que se encontrassem presencialmente.

De posse da lista de contatos do CRT houve intensificação das ligações para as potenciais elegíveis registradas. Ainda que muitos contatos estivessem com telefone inexistente, ou que não pertencessem mais a elas, percebeu-se um intervalo menor entre a ligação de interesse e a consulta marcada, pois as entrevistadoras já buscavam estabelecer um vínculo inicial ainda pelo telefone, e era possível marcar a entrevista durante a ligação.

Foi verificado que algumas das participantes não conseguiam realizar a matrícula no CRT no mesmo dia em que eram inscritas na pesquisa, já que o setor de acolhimento do CRT encerrava as atividades às 16h e grande parte das entrevistas foram realizadas após esse horário. Por este motivo, foi feita a busca dos ID das participantes que ainda não estavam matriculadas e também houve a aproximação com uma das funcionárias do acolhimento que se dispôs a realizar a matrícula e acolhimento das participantes mesmo fora do horário do acolhimento. Esta iniciativa envolveu também o Setor de Matrícula do CRT, que possui regras próprias para a efetivação desta etapa, sem a qual não é possível efetuar agendamento com os médicos do CRT.

Nestes meses finais, a pesquisa e sua equipe estava consolidada no CRT, já que diversos funcionários sabiam do que se tratava a pesquisa, quem eram as entrevistadoras e lhes passavam as informações necessárias. Também se reconheceu um bom número de entrevistas realizadas, em média pelo menos uma por dia. As participantes chegaram às entrevistadoras por meio de diversas fontes, fossem elas cartazes e convites distribuídos no serviço e em pontos estratégicos, ou pela indicação de funcionários do CRT, pesquisa TransNacional e das navegadoras. No fim do período de recrutamento, foram incluídas na pesquisa um total de 113 participantes, como já mencionado.

## 8.2. Etapa de Seguimento

### 8.2.1. Ligações de 3 meses

As ligações de três meses foram iniciadas em Agosto de 2018 com as primeiras inscritas na pesquisa, e terminaram em Fevereiro de 2019. Com a prorrogação do período de captação e recrutamento, durante meses estas ligações ocorreram concomitantemente ao trabalho de campo no CRT.

Foi realizada uma reunião com toda a equipe, incluindo as NP, para pensar coletivamente os cuidados a serem realizados durante a ligação para não expor as participantes. As entrevistadoras faziam a ligação pelo celular ou redes sociais (Messenger do Facebook) seguindo um roteiro de perguntas já estruturado, onde eram feitas anotações sobre alterações de contato e lembrava-se a data agendada para a entrevista de 9 meses. Para as participantes que tinham NP, era perguntado se esta havia entrado em contato. Após a ligação, essas informações eram digitadas em formulário eletrônico. Tais informações eram revisadas e transcritas pela gerente de dados, e enviadas para a equipe de pesquisa na Califórnia, utilizando planilha armazenada em box com controle de acesso, para preservar o sigilo das informações.

Tais ligações foram importantes para a manutenção da pesquisa e do vínculo com as participantes, principalmente com as que estavam no grupo controle. Em geral, cada entrevistadora realizava a ligação para as participante que entrevistaram no período de captação e recrutamento. Nesta etapa, foi possível comprovar a importância da construção do vínculo durante primeiro contato na entrevista, e algumas participantes demonstravam satisfação de serem contatadas e terem uma oportunidade de compartilhar tanto mudanças boas como até mesmo dificuldades em suas vidas.

Persistiram dificuldades em encontrar algumas das participantes, semelhantes à primeira etapa da pesquisa. Por diversas vezes, foi necessário fazer múltiplas tentativas de ligação para conseguir contato. Algumas não atendiam mais nos números de telefone disponíveis e algumas das que estavam em situação de rua na primeira entrevista ou em abrigo não foram mais encontradas. Em determinados momentos foi necessário verificar as futuras consultas agendadas no CRT de participantes que não conseguimos o contato, como forma de buscar encontrá-las presencialmente. O Facebook também se mostrou uma ferramenta eficaz para encontrar algumas das participantes com as quais existia dificuldade de contato.

### 8.2.2. Entrevistas de 9 meses

Em março de 2019, iniciaram-se as ligações para a realização das entrevistas de 9 meses com as participantes. Uma das entrevistadoras, que havia atuado desde o início, não pôde continuar por conta de mudança de emprego. Por este motivo, uma assistente social que trabalhava como entrevistadora da pesquisa TransNacional foi convidada para substituí-la.

Ambas as entrevistadoras tiveram certa dificuldade para a localização de algumas participantes, seja por não ter sido possível localizá-las nos contatos fornecidos, seja porque algumas participantes se encontravam em extrema vulnerabilidade social e em situação de rua. A não-adesão ao tratamento no sistema de saúde também foi um dos pontos identificados nos contatos com sucesso e durante a realização das entrevistas, tanto presencialmente como à distância pelas redes sociais.

Foram realizados múltiplos esforços para contatar participantes, envolvendo: diversas ligações em todos os contatos telefônicos disponíveis; consulta às NP para saber informações sobre a participantes, quando era o caso; envio de e-mail e mensagens em redes sociais da participante; consulta às redes de serviços sociais e de saúde públicos (Centro de Referência da Diversidade - CRD, Consultório na Rua - CnR, Centros de acolhida, Rede de Centros de Atenção Psicossociais - CAPS, Centros de Cidadania LGBT); consulta de atualização de cadastro e agendamentos futuros com a equipe do CRT e pesquisa TransNacional.

Os brindes e o recurso do ressarcimento se mostraram como um incentivo para algumas das participantes irem até o serviço para realizarem a entrevista. Ainda assim, três participantes recusaram ressarcimento após a entrevistas por dizerem querer apenas contribuir para a pesquisa.

As entrevistadoras possuíam um prazo de até 30 dias após a data inicial agendada para realizar a entrevista de 9 meses. Em alguns casos, mesmo após diversas tentativas de realizar a entrevista dentro deste período, algumas participantes retomaram contato ou foram localizadas apenas após este prazo. A equipe decidiu que seria importante entrevistá-las e posteriormente verificar se esses dados seriam ou não incluídos quando no momento da análise.

A possibilidade de realizar as entrevistas por telefone ou ligação pelo WhatsApp/Messenger foi fundamental para entrevistar participantes que estavam em outras cidades, estados ou países. E também aquelas que agendavam um horário no CRT, mas tinham dificuldade de comparecer presencialmente. Nestes casos, foi necessário fazer o ressarcimento por meio de depósito bancário.

A resistência que algumas mulheres tiveram durante os 9 meses de participar das entrevistas não se resumia apenas na dificuldade de localizá-las. Muitas foram localizadas, porém, por inúmeros motivos elas faltavam, adiavam os agendamentos inúmeras vezes, ou simplesmente se evadiam. As justificativas incluíam desde questões de trabalho, por não conseguirem se organizar, por terem compromissos ou simplesmente não quererem comparecer às entrevistas e dialogar ou responder perguntas que poderiam abordar as suas vivências, conflitos, e tratamento de saúde.

### 8.2.3. Entrevistas com as navegadoras

Entre setembro e outubro de 2019, foram realizadas entrevistas em profundidade com cada NP da pesquisa TransAmigas, incluindo a que se desligou da pesquisa anteriormente por problemas pessoais. No total foram sete entrevistas, com duração entre 1h15 e 2h, e que ocorreram em data, horário e local de preferência de cada NP. Duas ocorreram no CRT, uma no CRD, e três no espaço NUDHES<sup>11</sup>.

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado aprovado pelo comitê de ética, contendo diversas questões sobre a experiência de navegação, os casos que consideraram de sucesso e de fracasso, e explorando sua experiência enquanto NP. Todas as entrevistas foram conduzidas por uma das entrevistadoras do TransAmigas e todas foram realizadas após o término do período de navegação e das entrevistas de 9 meses das participantes. As navegadoras assinaram o TCLE autorizando sua participação, e receberam 20 reais de ressarcimento para contribuir com o seu transporte até o local. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador e já foram transcritas para facilitar a análise.

---

**11** Espaço Nudhes – Localizado na Sé, região central de São Paulo, o espaço está em funcionamento desde o início do trabalho de campo do TransAmigas e serve tanto como local de desenvolvimento de atividades de pesquisa (entrevistas, oficinas, supervisões) como um espaço de acolhimento e socialização de NPs, participantes da pesquisa e outros membros da comunidade LGBTQ+. Para mais informações, ver item 10.2.3.



O conteúdo dessas entrevistas será de fundamental importância para permitir a análise da percepção da navegação de pares pelas próprias navegadoras, o que consideram que funcionou e o que precisa ser melhorado em pesquisas futuras, quais foram os impactos em suas vidas e a relação com o restante da equipe de pesquisa.

Todas foram solícitas e aceitaram participar, inclusive uma que está fazendo tratamento para um sério problema de saúde, e também deram um bom retorno sobre esta etapa na reunião final da pesquisa.

### **8.3. Interface com a equipe de navegadoras de pares**

O contato das entrevistadoras com as NP ocorreu inicialmente na reunião geral com a equipe de pesquisa, mas foi após a maior parte do período de captação e recrutamento que essa relação se aproximou por meio das reuniões coletivas. Portanto, a relação entrevistadora-navegadora foi sendo construída do meio para o final da pesquisa, principalmente no decorrer das ligações de três meses, em que a NP era acionada quando o contato com a participante do grupo intervenção era sem sucesso.

As NP sempre foram muito solícitas e empáticas com as entrevistadoras e foram fonte de grande apoio e suporte emocional, mesmo nos breves encontros que tiveram, em grande parte pela sensação de compartilharem desafios em comum. Embora tanto as NP quanto as entrevistadoras demonstraram que gostariam de ter mais essa troca de vivências, até para favorecer o contato com as participantes que não compareciam às sessões, foi importante priorizar certo distanciamento para que as NP desenvolvessem autonomia para realizar o seu trabalho.

### **8.4. Interface com a equipe do CRT**

A pesquisa foi apresentada em reuniões anteriores ao início do trabalho de campo para a coordenação do CRT e para as equipes de diversos setores, como equipe de retenção, ambulatório HIV e acolhimento. Ainda assim, foi ao longo do tempo de campo que as parcerias foram se desenvolvendo de modo mais efetivo, e que mais profissionais passaram a conhecer a pesquisa dentro do serviço.

Na Etapa de Captação e Recrutamento, as entrevistadoras acessaram em especial a equipe de retenção, que indicava potenciais participantes em abandono de tratamento. Por meio deste contato, diversas participantes foram contatadas para participarem da pesquisa e para retomar o tratamento para o HIV, o que atendia a objetivos comuns.

Com o desenvolvimento da pesquisa no CRT, foi realizada uma sensibilização importante em relação aos cuidados com as TrMT. Houve ocasiões em que elas apresentaram comportamentos considerados agressivos para com os trabalhadores do serviço e foram encaminhadas para as entrevistadoras para que tivessem um espaço de escuta, onde era possível compreender os processos de violência que elas sofreram ao longo da vida. Além disso, nos fluxos em que as participantes haviam recebido o teste rápido com sorologia positiva para HIV, e em seguida eram inseridas na pesquisa e já realizavam a matrícula no serviço, foi-se construindo uma parceria mais humanizada no cuidado com essas mulheres, uma vez que a pesquisa possibilitou que os trabalhadores tivessem mais acesso à história de vida das participantes e usuárias do serviço.

Ao longo do trabalho de campo, as informações enviadas por funcionários parceiros da pesquisa foram de fundamental importância para localização de algumas participantes. Entretanto, também existiram problemas como exposição de diagnóstico em frente da equipe de pesquisa e tratamento da participante de forma inapropriada.

Na época das entrevistas de nove meses, a relação com os funcionários do CRT já estava bem estabelecida, e tivemos a ajuda de duas funcionárias para a busca de contatos e datas de agendamento de participantes. A equipe de retenção já não estava próxima nesta época e não tinha conhecimento de algumas participantes que estavam em abandono de tratamento.

Durante o período de entrevistas no CRT existiram algumas dificuldades para disponibilização das salas e consultórios utilizados para a conversa entre entrevistadoras e participantes. No início do campo foi estabelecido o uso do consultório 3 quando não estivesse sendo ocupado pela pesquisa TransNacional, e, caso não estivesse disponível, seria possível utilizar salas vagas no prédio principal do CRT. Já na época da entrevista de nove meses, com o início de outras pesquisas no mesmo espaço, além da TransNacional, essa dificuldade aumentou. Foi feito o acordo implícito de ser possível usar o consultório 3 nos intervalos das outras pesquisas, entretanto aconteceram episódios da entrevista estar em andamento e alguém interromper entrando na sala, o que culminou, uma única vez, com a necessidade de troca de sala, por conta da oscilação de agenda entre pesquisas.

## 8.5. Interface com Programador e Gerente de Dados

O contato com o programador de dados foi realizado principalmente no início da pesquisa, no que se referiu aos formulários de elegibilidade e questionário inseridos nos *tablets* das entrevistadoras. Algumas questões e critérios foram alterados ao longo da pesquisa, sem maiores contratempos.

A gerente de dados acompanhou desde o início o trabalho de campo no CRT e o trabalho das entrevistadoras na captação e recrutamento das participantes. Em geral, na primeira etapa da pesquisa, vinha uma vez por semana e levava material, dinheiro para ressarcimento e buscava as fichas de cadastro das participantes. Além disso, se reunia com uma ou ambas entrevistadoras para fazer o balanço dos processos e atualizá-las sobre as decisões tomadas em reunião com a coordenação da pesquisa e com a equipe americana. Durante o trabalho de campo ficou marcada a importância do registro do trabalho realizado, que era inédito e não estava presentes nos livros, assim, foi-se construindo o hábito de registrar as vivências. A partir da ligação de 3 meses o fluxo da pesquisa estava mais bem estabelecido e consolidado, e as tabelas e a organização dos dados foi muito importante para reunir as informações das participantes e auxiliar no trabalho das entrevistadoras nesse sentido.

# IX. GERENCIAMENTO DE DADOS

As atividades de gerenciamento de dados foram desenvolvidas conjuntamente por dois pesquisadores, denominados 'programador de dados' e 'gerente de dados'. Os instrumentos utilizados em todas as etapas da pesquisa, que tiveram aplicação eletrônica direta ou posterior digitação, passaram por esses pesquisadores, que além de monitorar a atuação das entrevistadoras por meio de supervisão presencial e à distância, monitoravam também as NP, por meio de análise de qualidade dos instrumentos utilizados e *upload* dos mesmos para acesso da equipe de pesquisa na UCSF.

## 9.1. Atividades desenvolvidas pelo Programador de Dados

### 9.1.1. Antes do Início do Campo

Conhecer e estudar os Sistemas de Informação em Saúde (SIS) públicos a serem utilizados na pesquisa para extração de:

- a) Dados clínicos e laboratoriais, por meio de SIS oficiais do Sistema Único de Saúde – SUS:
  - ▶ *SISCEL - Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos CD4+/CD8+ e Carga Viral do HIV; e*
  - ▶ *SICLOM - Sistema de Controle Logístico de Medicamentos*

Com apoio de funcionários do CRT foram solicitados e criados login de acesso a esses sistemas.

- b) Estudar como usar *tablets* para aplicação de questionários baseados no ODK, plataforma de programação, aplicação e armazenamento em nuvem de questionários, a partir de leitura prévia de manuais e consulta de diversos tutoriais.
- c) Programar os primeiros questionários, usando o formato XLSForm no Numbers/Excel e um conversor para formato .xml; fazer upload desses testes para a Google Cloud Plataforma do ODK Aggregate e fazer os primeiros testes de aplicação de questionários pelo ODK Collect. Esse procedimento foi o mesmo para programação dos seguintes instrumentos: Questionário *baseline*, Formulário de checagem de elegibilidade, Formulários de contatos das NP com as Participantes (à distância e presencial), e Questionário de 9 meses. Como resultado dos testes foram feitos os ajustes necessários, que resultaram em:

- ▶ Questionário *Baseline* – 3 versões
- ▶ Formulário de Checagem de Elegibilidade – 2 versões
- ▶ Capacitar as entrevistadoras para uso do *tablet* para aplicação e *upload* dos instrumentos.

### 9.1.2. Depois do Início do Campo

As atividades desenvolvidas foram:

#### 9.1.2.1. Manutenção da qualidade e fluxo dos dados

- ▶ Oferecer apoio para correção de erros de programação e assistência em casos de problemas técnicos com os *tablets*.
- ▶ Baixar, a partir da plataforma ODK Aggregate, os instrumentos aplicados e enviar para pasta no aplicativo Box, com periodicidade irregular, a depender do número de participantes recrutadas, permitindo um acúmulo mínimo de dados para envio.
- ▶ Compilar os resultados parciais advindos da aplicação desses dois instrumentos a depender da necessidade, no período de 13 de junho de 2018 a 03 de dezembro de 2018.

#### 9.1.2.2. Monitoramento da atuação das NP

Para monitorar objetivamente a intervenção, foram formulados e programados dois instrumentos a serem preenchidos pelas NP com informações de seus encontros presenciais e contatos a distância com participantes, os *peer contact forms* (PCF 12A e PCF 12B).

Esses instrumentos eram preenchidos a mão pelas NP e entregues para posterior digitação no *tablet* com o ODK Collect, pela gerente de dados, sendo compilado na plataforma ODK Aggregate e enviado periodicamente para pasta no aplicativo Box. O instrumento 12A, de encontros presenciais, teve duas versões - a primeira foi usada a partir de 04 de agosto de 2018 e a segunda a partir de 19 de setembro de 2019. O instrumento 12B, de contatos a distância, teve apenas uma versão, usada a partir de 04 de agosto de 2018 até o fim do período de intervenção.

### 9.1.2.3. Extração dos dados clínicos

Ao final da fase de recrutamento, já munido de login no sistema LAUDO, onde podiam ser acessados SISCEL e SICLUM, foram extraídos os dados laboratoriais e de retirada de medicamentos das participantes, buscando seus registros com nome social e, quando necessário e diferente, com nome de registro.

Esses dados foram transpostos para planilha combinada no Numbers/Excel, sendo convencionada a captura de informações correspondentes ao período de um ano antes da inscrição até 10 meses após a inscrição na pesquisa. Para participantes que não foram identificadas no sistema, foi solicitado à gerente de dados que obtivesse dados de nome de registro (quando faltante), CPF ou número do cartão SUS, com os quais foi possível realizar buscas ampliadas no sistema LAUDO. A extração teve seu início em 05 de dezembro de 2018 e término em 22 de outubro de 2019.

Concomitantemente, foi programado em ODK o questionário de 9 meses, com uma única versão definitiva. Seus resultados eram enviados para pasta no aplicativo Box periodicamente, também sem regularidade, permitindo o acúmulo de número mínimo de questionários preenchidos. Durante a aplicação do questionário de 9 meses, também fornecendo apoio às entrevistadoras, a fim de corrigir possíveis erros de programação ou problemas técnicos com o *tablet*.

## 9.2. Atividades desenvolvidas pela Gerente de Dados

### 9.2.1. Atividades Gerais

- ▶ Apoio à implantação do campo da pesquisa.
- ▶ Interface com a equipe do CRT para obtenção de dados de interesse e para facilitar o trabalho e trânsito das entrevistadoras pelos diversos setores da instituição.
- ▶ Supervisão presencial e à distância das entrevistadoras.
- ▶ Apoio à concepção, capacitação e aprimoramento dos instrumentos utilizados pelas NP.
- ▶ Digitação em *tablet* dos Formulários de Encontros Presenciais e de Contatos à Distância preenchidos pelas NP (PCF 12 A e 12B).
- ▶ Preenchimento da Folha de Rastreamento das Participantes no Google Drive (Ligação de 3 meses e Entrevistas de 9 meses), após revisão de conteúdo fornecido pelas entrevistadoras.

- ▶ Monitoramento de todas as Etapas da Pesquisa, com sistematização de dados de interesse, encaminhados por e-mail à equipe de pesquisadoras da UCSF, com periodicidade regular para discussão e uso nas reuniões à distância.
- ▶ Apoio à elaboração dos POP juntamente com as entrevistadoras e programador de dados.
- ▶ Obtenção de dados sobre os Procedimentos realizados pelas participantes no CRT como consultas com profissionais de saúde, por meio do Prontuário Eletrônico – S3, utilizado pela rede interna do CRT. O acesso ao S3 se deu apenas via funcionário da área de Tecnologia de Informação deste serviço, o qual extraia os dados necessários, por meio de solicitação formal por e-mail.

### 9.2.2. Monitoramento e Avaliação de dados

A fim de monitorar um conjunto de atividades realizadas por diversos pesquisadores foram concebidos, em reunião geral da pesquisa, indicadores para permitir a intervenção em tempo oportuno sempre que necessário. Como exemplo desta iniciativa, seguem alguns dos dados gerados.

#### Monitoramento TransAmigas - Etapa 1 - Captação e Recrutamento e Etapa 2 - Triagem e Inscrição

| Indicadores                                  | n          |
|--|------------|
| <b>Captadas</b>                              | <b>194</b> |
| <b>Interna CRT</b>                           | <b>92</b>  |
| Acolhimento                                  | 13         |
| Ambulatório HIV                              | 1          |
| Cartaz                                       | 2          |
| CTA  | 7          |
| Retenção                                     | 35         |
| Lista CRT                                    | 34         |
| <b>Externa CRT</b>                           | <b>74</b>  |
| Ação Territórios Navegadoras                 | 4          |
| Indicação Navegadoras                        | 5          |
| Lista T*N                                    | 14         |
| T*N  | 51         |
| Diversos (*)                                 | 11         |
| <b>Interessadas preliminar em participar</b> | <b>174</b> |
| Forneceram contato                           | 172        |

| Indicadores  | n          |
|--|------------|
| <b>Situação em relação à elegibilidade</b>   | <b>152</b> |
| Elegíveis  | 124        |
| Inelegíveis  | 28         |
| <b>Motivos de inelegibilidade</b>  | <b>28</b>  |
| IE1 - Não respondeu aos contatos   | 0          |
| IE2 - Mudou-se   | 2          |
| IE3 - Não é HIV+   | 5          |
| IE4 - Não é trans  | 0          |
| IE5 - Menor de 18 anos   | 1          |
| IE6 - Recusa procedimento da pesquisa  | 0          |
| IE7 - Aderente a cuidados  | 6          |
| IE8 - Já inscrita  | 0          |
| IE9 - Cota de inscrição atingida   | 0          |
| IE10 - Outra razão = 'Faz tratamento em outro lugar' (10) e 'Vai morar no interior do Rio Grande do Sul' (1) | 11         |
| <b>Elegíveis que recusaram participar</b>  | <b>10</b>  |
| RC1 - Mora muito longe do local/Não tem transporte   | 0          |
| RC2 - Muito ocupada/Sem tempo para ir ao local da pesquisa   | 4          |
| RC3 - Sem contato/Não compareceu à inscrição   | 0          |
| RC4 - Não confia na nova pesquisa  | 0          |
| RC5 - Não está interessada no estudo   | 4          |
| RC6 - Preocupação com estigma  | 0          |
| RC7 - Cafetina não permite que vá  | 0          |
| RC8 - Preocupada com a confidencialidade   | 0          |
| RC9 - Outra razão - Não querem ter navegadora.   | 2          |
| <b>Resultado do sorteio</b>  | <b>113</b> |
| Grupo Controle   | 38         |
| Grupo Intervenção  | 75         |
| <b>Critério</b>  | <b>113</b> |
| Novo   | 32         |
| Antigo   | 81         |
| <b>Saídas</b>  | <b>11</b>  |
| Perda  | 8          |
| Desligamento   | 3          |



## Monitoramento da Etapa de Entrevistas de 9 meses – TransAmigas – Outubro de 2019

| Indicadores  | n°                    | %            |
|--|-----------------------|--------------|
| <b>Situação das tentativas de contato</b>  | 113                   | 100,0        |
| <i>Participantes sem tentativas de contato iniciadas (n°)</i>  | 0                     | 0,0          |
| <i>Participantes com tentativas de contato iniciadas entre as inscritas</i>  | 113                   | 100,0        |
| <b>Resultado das tentativas de contato iniciadas</b>   | <b>113</b>            | <b>100,0</b> |
| <i>Localizadas entre as contactadas</i>  | 94                    | 83,2         |
| <i>Não localizadas entre as contactadas</i>  | 19                    | 16,8         |
| <i>Ainda em fase de tentativa de contato</i>   | 0                     | 0,0          |
| <b>Situação do agendamento entre as tentativas de contato iniciadas</b>  | <b>94</b>             | <b>100,0</b> |
| <i>Aceitaram agendar entrevistas entre as localizadas</i>  | 85                    | 90,4         |
| <i>Recusaram agendar entrevistas entre as localizadas (código*) (Mora muito longe e/ou ressarcimento não compensa)</i>   | 5                     | 5,3          |
| <i>Agendamento não foi possível</i>  | 4                     | 4,3          |
| <b>Situação das entrevistas entre as tentativas de contato iniciadas</b>   | <b>85</b>             | <b>100,0</b> |
| <i>Realizadas entre as que aceitaram agendar</i>   | 79                    | 92,9         |
| <i>Realizadas dentro do prazo previsto</i>   | 68                    | 86,1         |
| <i>Realizadas fora do prazo previsto</i>   | 11                    | 13,9         |
| <i>Não realizadas entre as que aceitaram agendar</i>   | 6                     | 7,1          |
| <b>Taxa de retenção 1 (%)</b> (entrevistas realizadas entre as que iniciamos contato)  | <b>79/113*100</b>     | <b>69,9</b>  |
| <b>Taxa de retenção 2 (%)</b> (entrevistas realizadas entre as que tem resultado final das tentativas – localizadas ou não localizadas, excluindo as que ainda estão em fase de tentativa) | <b>79/(94+19)*100</b> | <b>69,9</b>  |
| <b>Tipo e local das entrevistas entre as realizadas</b>  | <b>79</b>             | <b>100,0</b> |
| <i>Entrevistas presenciais entre o total de entrevistas</i>  | 41                    | 51,9         |
| <i>CRT</i>   | 41                    | 100,0        |
| <i>Espaço NUDHES</i>   | 0                     | 0            |
| <i>Entrevistas à distância entre o total de entrevistas</i>  | 38                    | 48,1         |
| <i>Entrevistas por messenger do Facebook entre as realizadas à distância</i>   | 4                     | 10,5         |
| <i>Entrevistas por whatsapp entre as realizadas à distância</i>  | 4                     | 10,5         |
| <i>Entrevistas por telefone/celular entre as realizadas à distância</i>  | 30                    | 78,9         |
| <i>Entrevistas por skype entre as realizadas à distância</i>   | 0                     | 0,0          |
| <b>Motivo para não realização das entrevistas</b>  | <b>34</b>             | <b>100,0</b> |
| <i>Participantes faltosas entre as agendadas/localizadas</i>   | 4                     | 11,8         |
| <i>Participantes que não foi possível agendar entre as localizadas</i>   | 11                    | 32,4         |
| <i>Não localizadas de jeito nenhum entre as contatadas</i>   | 19                    | 55,9         |

## X. ATIVIDADES COLETIVAS

Objetivo: Oferecer atividades recreativas, oficinas de capacitação e rodas de conversa como componente de engajamento e retenção para as NP e participantes do estudo.

Público-alvo: a) NP, b) Participantes e c) Ampliado (com possibilidade de participação de terceiros, incluindo convidados e convidadas das navegadoras, das participantes e da equipe de pesquisa).

### 10.1. O que foi planejado

Inicialmente, com base no conhecimento da equipe de pesquisa, a partir de experiências prévias com a mesma população, foram levantados temas e atividades que poderiam despertar o interesse da população de TrMT vivendo com HIV em São Paulo: oficinas de cabelo e maquiagem, rodas temáticas ligadas aos cuidados em saúde para PVH e atividades recreativas, entre outras. Além disso, para compor esse quadro, a etapa formativa trouxe dados atualizados para pensar nos tipos de atividades que poderiam ser oferecidos ao longo do acompanhamento das participantes no estudo como eventos culturais, oficinas de capacitação e visitas em espaços públicos (museus, teatros e parques). Para isso, tentaríamos uma parceria com diferentes atores visando atividades de baixo custo e fácil execução.

Posteriormente, já com a pesquisa iniciada, a equipe, em conjunto com as NP e com as pesquisadoras americanas, elencou alguns temas que poderiam servir como eixo temático para desenvolvimento de atividades coletivas ao longo do estudo: empregabilidade, direitos, saúde, afirmação de gênero, comunicação assertiva e relacionamento amoroso.

### 10.2. O que foi executado

Primeiramente, fizemos um levantamento sobre possíveis parcerias que poderiam apoiar o desenvolvimento das atividades coletivas e referenciar grupos ou instituições que também poderiam se interessar pelo estudo. O resultado dessas parcerias possibilitou a realização de um conjunto de atividades, sistematizadas, cronologicamente, no quadro nº 1. Para tanto, foi necessário identificar nas potenciais instituições com as quais buscaríamos parcerias, os setores e áreas afins, e conseguir a participação dos pesquisadores em diversas reuniões onde as atividades dessas Instituições estavam sendo concebidas para definir conjuntamente como se daria a integração com os objetivos do Projeto TransAmigas.

### 10.2.1. Parceria com a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo

Nesta Secretaria o contato se deu com a Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias, por meio dos profissionais Efren Eduardo Colombani e Silvana Pereira Gimenes, ambos assessores locais, resultando na primeira atividade coletiva no Miss Brasil Gay, evento que faz parte da agenda da Parada LGBTQIA, no Memorial da América Latina. As NP foram convidadas e puderam levar uma acompanhante.

Em seguida, fomos convidados a apresentar o NUDHES e o TransAmigas na reunião geral dos Museus da Secretaria da Cultura. A apresentação aconteceu em agosto com representantes de todos os museus. Desta reunião, houve interesse de parceria do Museu da Diversidade Sexual, Museu da Imagem e do Som, Pinacoteca e Museu de Arte Moderna (MAM). Posteriormente, o Museu da Imigração também entrou em contato para parceria.

O planejamento com o Museu da Diversidade Sexual e com o Museu da Imagem e do Som não foi concretizado. Dentre os motivos, foi informado falta de disponibilidade de agenda e mudança/redução de equipe dos museus, o que afetou no planejamento e reduziu as parcerias para atividades. No entanto, o Museu da Diversidade entrou nas atividades a partir de uma atividade intitulada "Visitação dos Direitos Humanos", executada pelo Museu da Imigração.

**Dificuldades no processo:** Parte da dificuldade para o alcance das atividades planejadas se deu em função de ser um ano eleitoral, o que acaba repercutindo em pulverização das equipes em diferentes setores, incluindo a destituição do cargo de algumas com quem já estávamos em contato. A Pinacoteca, por exemplo, perdeu parte do financiamento, e a equipe de Ação Educativa, que era a ponte com o NUDHES na instituição, temia um corte drástico de pessoas, o que afetaria todas as atividades do museu. Apesar disso, foi possível seguir com as atividades planejadas.

Na Pinacoteca, iniciamos com uma visita na exposição Mulheres Radicais. Esta primeira visita foi focada na equipe de navegação. A proposta foi promover uma reflexão sobre a construção do feminino a partir das obras da exposição "Mulheres Radicais". Dentre as obras, foi pensado uma dinâmica para discutir identidade de gênero, violência e papel social no museu. As atividades seguintes foram abertas para as NP.

No MAM, com apoio da Ação Educativa, realizamos o piquenique TransAmigas. O Museu assegurou o uso do banheiro, ofereceu água, almofadas, segurança, e se colocou à disposição para qualquer apoio e desenvolvimento de atividades no futuro.

Já na etapa de encerramento do TransAmigas, em agosto de 2019, apresentamos o estudo e falamos sobre saúde da população de travestis e homens e mulheres transexuais com a equipe. A atividade fez parte da agenda de capacitação da equipe do museu para receber o "Sertão", mostra do Panorama de Arte Brasileira com trabalhos de duas artistas travestis. Em 70 anos, desde a sua fundação, essa foi a primeira vez que artistas travestis e transexuais tiveram trabalhos expostos neste Museu.

Para além das atividades já citadas, outra atividade a ser mencionada refere-se a uma oficina de dança coordenada pela fisioterapeuta Dione Augusto, que obteve forte adesão das participantes dos TransAmigas. Dada esta adesão, foram desenvolvidas 15 sessões, no espaço NUDHES, incluindo uma apresentação como parte da Festa de Encerramento da pesquisa. As oficinas tinham foco na consciência corporal com elementos de dança cigana, respiração e liberdade de criação. Uma descrição e análise em detalhes desta experiência está em fase de elaboração.

### 10.2.2. Parceria com Defensoria Pública do Estado de São Paulo

Além da cultura, houve uma tentativa de parceria com a Defensoria Pública para cobrir questões sobre direitos específicos da população de travestis e pessoas transexuais em São Paulo. Em reunião do grupo Visibilidade Trans, formado por diferentes profissionais com foco em saúde e direitos, com reuniões periódicas no CRT, conhecemos Erik Saddi Arnesen, defensor público no Núcleo de Diversidade e Igualdade Racial. Marcamos uma primeira reunião no dia 11 de julho de 2018 para apresentação formal do NUDHES e dos projetos em andamento. Na ocasião, apresentamos o TransAmigas e firmamos o desenvolvimento de alguma atividade em conjunto. Em seguida, o Erik deixou a defensoria e, após um hiato de alguns meses sem resposta da defensoria, retomamos o contato com o novo defensor público e coordenador auxiliar no núcleo, Vinicius Silva. Em nova reunião, em janeiro de 2019, foi reforçado o interesse na parceria, sem sucesso. As datas propostas para atividades eram incompatíveis com os horários disponíveis do núcleo e buscamos uma alternativa para cobrir a atividade sobre direitos com as participantes. Para isto, convidamos Felipe Dahier, advogado no Centro de

Referência da Diversidade - CRD, para coordenar uma oficina com foco em direitos, incluindo processos práticos para solicitar documentos e mudança de nome de registro.

Atividades menores incluindo rodas de conversa e outras atividades em parceria com museus, foram incluídas abaixo, na linha do tempo desta seção.

### 10.2.3. Espaço NUDHES

Iniciamos a procura de um espaço fixo onde fosse possível executar atividades com as participantes e NP. Nosso intuito era encontrar um lugar agradável, seguro e que pudesse servir de acolhimento, sem estigma ao longo do estudo.

Após a etapa formativa, quando foram mapeadas as primeiras interessadas em atuar como NP, conhecemos o PaperBox Lab, projeto que abriga, num prédio na Sé, região central da cidade, diferentes grupos com foco em direitos humanos, artes e redução de danos. Na ocasião, em março de 2018, utilizamos a galeria para realizar a dinâmica e seleção das NP e alugamos a sala 210, que se tornou o "Espaço NUDHES".

A ideia do "Espaço NUDHES" foi criar um local fora das imediações da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC-SP) e do Centro de Referência e Treinamento DST/Aids (CRT) para realização das atividades em pesquisa de base comunitária. O local, fácil de chegar por meio de transporte público, passou a servir como base das atividades coletivas, reuniões do grupo, espaço para entrevistas das NP com as participantes, e espaço para encontrar parcerias e interessados no trabalho do NUDHES. A obtenção de mobília e decoração do espaço se deu, majoritariamente, por doações. Os gastos com papelaria e manutenção foram absorvidos pelo grupo. O "Espaço NUDHES" foi inaugurado no dia 28 de junho de 2018.



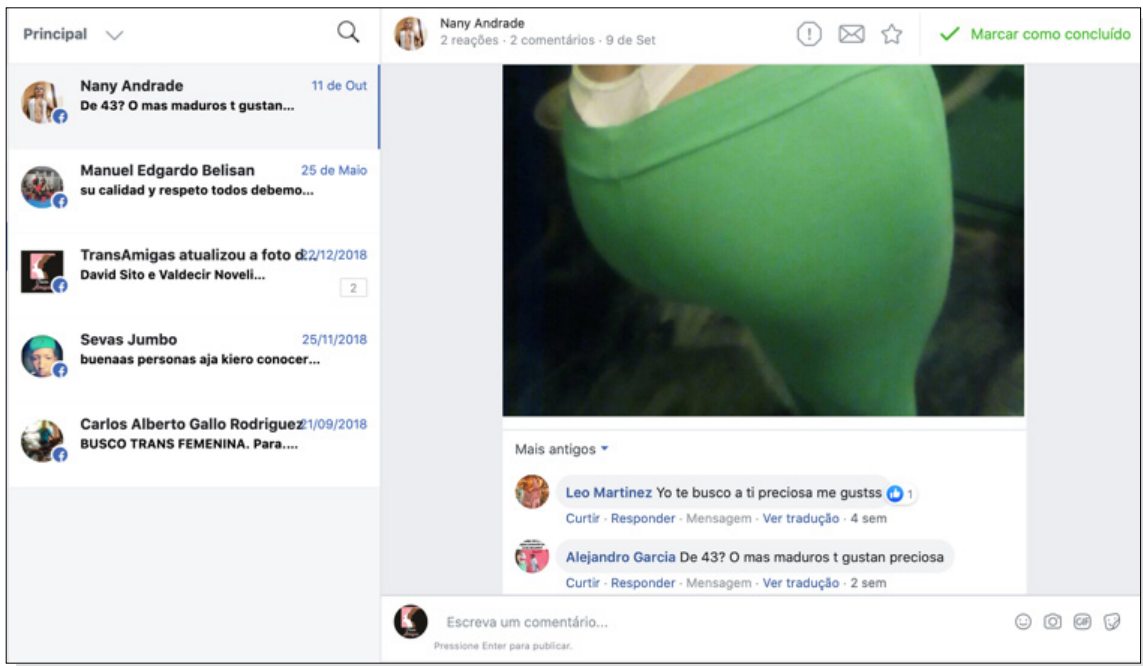
Inauguração do Espaço NUDHES no dia 28 de junho de 2018

#### 10.2.4. Parcerias

A conexão da pesquisa, incluindo diferentes setores e pessoas, foi um ponto central na execução das atividades coletivas. Procuramos e fomos procurados por diferentes perfis que gostariam de se aproximar do estudo e dedicar algumas horas ao desenvolvimento de alguma atividade com foco na população de TrMT. Como lições aprendidas, devemos considerar que a abordagem, recebimento e manutenção das parcerias requer horas de trabalho que devem ser levadas em consideração no planejamento. O potencial da cultura e educação como parceiros pode ser mais bem explorado em estudos futuros.

#### 10.2.5. Comunicação

**Facebook** - No início da pesquisa, visando otimizar a experiência das participantes, criamos uma *FanPage no Facebook* para comunicação exclusiva das participantes com a equipe de campo. No entanto, esta iniciativa não foi utilizada como planejado. Ao invés de mensagens das participantes, recebemos 54 mensagens aleatórias de homens em diferentes países da América Latina, querendo encontrar TrMT. Dessa forma, optamos por tirar do ar a FanPage.



Exemplo do recebimento de mensagens no Facebook

### 10.2.6. Comunicação com as participantes para as atividades coletivas

As navegadoras ficaram responsáveis pela comunicação direta com as participantes. Por isso, as chamadas para as atividades coletivas foram feitas sem intermédio da equipe de pesquisa. Para facilitar a comunicação, foram elaborados convites com as informações de cada atividade coletiva para que as NP pudessem repassar para as suas participantes, utilizando o telefone da pesquisa.



Convite para a festa de encerramento  
Ilustração: Daniel Barros

**Quadro 1** – Projeto TransAmigas - Relação das Atividades Coletivas realizadas (internas e externas) e respectivas parcerias, participantes. Período – Junho de 2018 a Julho de 2019. Município de São Paulo.

| Data       | Tema   | Local  |
|------------|--|--|
| 02/06/2018 | Miss Brasil Gay  | Memorial da América Latina   |
| 09/06/2018 | Teatro 'As 3 uíaras de SP City'  | Centro Cultural São Paulo  |
| 26/06/2018 | Conversa sobre HIV   | CEALAG   |
| 11/08/2018 | Conversa sobre redução de danos relacionado ao uso de álcool e outras drogas | Espaço NUDHES  |
| 15/09/2018 | Conversa sobre hormônio no processo transexualizador                         | Espaço NUDHES  |
| 31/10/2018 | Exposição 'Mulheres radicais'  | Pinacoteca   |
| 23/11/2018 | Mix Brasil 'HIV não é vergonha e nem é só sobre saúde'                       | Centro Cultural São Paulo  |
| 13/12/2018 | Visitona Direitos Humanos  | Museu da Imigração<br>Museu da Inclusão<br>Museu da Diversidade Sexual |
| 21/12/2018 | Festa de Confraternização TransAmigas/NUDHES                                 | Espaço NUDHES  |
| 10/01/2019 | Oficina de Preenchimento de Formulários                                      | Espaço NUDHES  |
| 11/01/2019 | Oficina de Preenchimento de Formulários                                      | Espaço NUDHES  |
| 19/01/2019 | Retificação do nome e outros direitos  | Espaço NUDHES  |
| 29/01/2019 | Visibilidade Trans   | Coreto da Praça da República   |
| 01/02/2019 | Marcha da Paz  | Região central da cidade   |
| 13/02/2019 | Oficina corporal   | Espaço NUDHES  |
| 31/03/2019 | Piquenique TransAmigas   | Espaço MAM - Parque Ibirapuera   |
| 04/04/2019 | Oficina corporal 1   | Espaço NUDHES  |
| 17/04/2019 | Oficina corporal 2   |  |
| 01/05/2019 | Oficina corporal 3   |  |
| 15/05/2019 | Oficina corporal 4   |  |
| 29/05/2019 | Oficina corporal 5   |  |
| 05/06/2019 | Oficina corporal 6   |  |
| 19/06/2019 | Oficina corporal 7   |  |
| 03/07/2019 | Oficina corporal 8   |  |
| 17/07/2019 | Oficina corporal 9   |  |
| 31/07/2019 | Oficina corporal 10  |  |



## 10.3. Lições aprendidas no desenvolvimento de atividades coletivas

### 10.3.1. Pontos fracos

O planejamento das atividades coletivas requer tempo e colaboração da equipe e, principalmente, das NP. Os primeiros meses serviram mais para entender a experiência do que propor resoluções criativas. Não considerar este momento inicial de reconhecimento do campo e das participantes foi contraprodutivo.

A segmentação inicial da equipe de pesquisa e NP foi algo que, ao longo do estudo, foi entendido como prejudicial e sem sentido. Foi necessário repensar essa dinâmica incluindo, posteriormente, explicações básicas para as NP sobre o conceito da pesquisa nos campos sócio comportamental e epidemiológico. A inclusão das NP enquanto parte de trabalho da equipe, com acesso amplo aos objetivos do estudo, conhecimento básico sobre o que estava sendo pesquisado e entendimento completo do papel de cada pesquisador na equipe (CRT, atividades coletivas, coordenação e supervisão) foi provada necessária. Em janeiro de 2019 realizamos uma oficina de preenchimento de formulários, incluindo uma revisão básica de conceitos epidemiológicos e objetivos do estudo com participação das NP. A oficina possibilitou sanar dúvidas e esclarecer como o trabalho da equipe se conecta.

### 10.3.2. Pontos fortes

A criação do "Espaço NUDHES" possibilitou uma nova experiência de execução nas atividades coletivas. Ao invés de eventos esporádicos, ter um espaço seguro para desenvolver atividades de longo prazo foi o maior ganho desta etapa.

A oficina de dança, totalizando uma primeira oficina experimental e mais 15 encontros ao longo de 7 meses, serviu como base de encontro para um núcleo fixo de participantes, NP e equipe de pesquisa. Os encontros começavam com duas horas de antecedência da atividade.

Este momento serviu como um espaço de fala livre sobre assuntos diversos que incluíram a própria experiência de participação na pesquisa, relacionamento amoroso, família, trabalho, violência, histórico de vida, conhecimentos gerais, saúde, política, educação, medos e, principalmente, desejos de mudança. Acompanhamos

coletivamente a trajetória da participante *B.* e sua constante recusa em aderir à TARV, ao mesmo tempo que vivia num relacionamento abusivo com um menor de idade. É a participante *P.*, que conseguiu se manter na reabilitação para lidar com o uso de álcool e outras drogas e voltar a estudar, utilizando as palavras dela, *com ajuda da navegadora*. Ou a *D.* e *PP.*, com relatos constantes do trabalho nas ruas.

De forma independente, as participantes criaram um grupo de comunicação no WhatsApp intitulado "As Poderosas". O título, criado pelo grupo, surgiu espontaneamente a partir da experiência delas nas atividades. Um espaço formado por perfis distintos que se reconheceram pela empatia e sororidade<sup>12</sup>.



---

**12** Sororidade - A origem desta palavra está no latim *sóror*, que significa "irmãs". Este termo pode ser considerado a versão feminina da fraternidade, que se originou a partir do prefixo *frater*, que quer dizer "irmão". <https://www.google.com/search?q=sororidade+feminina&oq=sororidade&aqs=chrome.1.69i57j0l7.6363j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

## XI. SITUAÇÕES ESPECIAIS

Ao longo do período de navegação, a equipe de pesquisa se viu diante de acontecimentos inesperados que exigiram atenção especial. Além de situações delicadas envolvendo participantes (encarceramento e episódios de violência doméstica, por exemplo), tivemos de administrar situações bastante difíceis envolvendo também as NP.

Nossa NP mais velha, cerca de 55 anos, faleceu de maneira relativamente inesperada em julho de 2018, quando ainda estávamos por completar 2 (dois) meses do processo de navegação. A coordenação da pesquisa se envolveu diretamente nos trâmites para reconhecimento e liberação do corpo, em virtude do pouco contato que ela mantinha com sua família de origem, além de providenciar uma coroa de flores para o velório, realizado em caráter comunitário. A fim de elaborar o impacto emocional que isso teve para as outras NP, a supervisão conduziu reuniões de grupo e conversas individuais em que o tema foi abordado. Suas participantes tiveram que ser redistribuídas entre outras NP.

Poucos meses depois, uma outra NP sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em razão do uso inadequado de hormônios e precisou ser internada. Perdeu o movimento de um dos lados do corpo e como não possuía plano privado de saúde e as condições do sistema de saúde pública no Brasil já estavam se deteriorando, foi encaminhada a um hospital público, com poucos recursos, localizado na região central da cidade. Vários membros da equipe de pesquisa e uma colega NP a visitaram e aproveitaram para buscar informações sobre seu estado de saúde. A coordenação da pesquisa, após conversa com a diretoria do CRT, conseguiu uma vaga para esta NP no hospital da clínica, onde ficou por vários dias para poder realizar a fisioterapia necessária para recuperação dos movimentos. Por ter conflitos com sua família de origem, que não aceitava inteiramente sua identidade de mulher trans, foi encaminhada à Casa Florescer, único abrigo exclusivamente voltado à população trans em São Paulo na época. Foi desligada da pesquisa por não ter mais condições de saúde para atuar como NP. Suas navegadas também foram questionadas se desejavam ser transferidas para outra NP.

Outra situação que mereceu uma atenção dedicada da equipe foi uma NP que tinha muita dificuldade em reter suas participantes, além de não entregar formulários de contato e faltar às reuniões e

encontros com a supervisão. Após ser chamada à atenção repetidas vezes, contou estar vivendo um momento pessoal delicado, marcado pela separação do companheiro de longa data e a prisão de uma amiga, participante do projeto. A coordenação de pesquisa tentou mantê-la como NP por acreditar que mais um desligamento pudesse ser prejudicial à dinâmica já estabelecida, mas a própria NP preferiu se desligar. Como no caso da NP falecida, suas participantes foram redistribuídas entre as NP mais bem capacitadas e com maior disponibilidade para navegar novas pessoas.

## XII. LIÇÕES APRENDIDAS

Em decorrência de uma série de perdas de seguimento, por existência de meios de contato efetivos, será necessário avaliar cuidadosamente a inclusão de pessoas que não possuam nenhum tipo de contato (telefônico, redes sociais e e-mail), endereço fixo ou vínculo em algum lugar ou serviço de referência. Dessa forma, seria possível estabelecer uma estratégia mais efetiva de retenção das participantes e da obtenção de dados nas entrevistas e no processo de navegação por pares. Sugere-se, durante a fase formativa, contato estreito com Consultório na Rua, com estudos de caso e parceria com os profissionais da assistência social.

Tendo em vista a natureza da pesquisa, que envolve um vínculo com uma unidade de saúde específica (neste caso o CRT), destaca-se a importância de reforçar parcerias e acordos entre a pesquisa e a(s) unidade(s) de saúde para que não se comprometa o fluxo de tratamento e atendimento às participantes. Foram encontrados alguns casos em que as participantes foram inseridas na pesquisa mas não deram continuidade ao tratamento do HIV, por alegarem não terem recebido o mesmo cuidado no serviço de saúde, ou até mesmo passarem por situações transfóbicas (ex: não respeito ao nome social).

Para pesquisas futuras pode-se considerar incluir outros locais para a realização das entrevistas que não seja apenas a unidade de saúde vinculada à pesquisa. Muitas participantes demonstraram resistência de virem até o CRT, seja por motivos de distância de suas residências, pelo receio de se exporem no serviço de saúde ou então por se depararem com a necessidade de enfrentar as questões relacionadas ao tratamento do HIV.

A existência de um local alternativo para a realização das entrevistas *baseline* e de 9 meses poderia ajudar nessas questões. No TransAmigas, o espaço NUDHES foi cogitado como possibilidade de local de entrevista, mas não foi utilizado. Talvez na próxima pesquisa esse uso possa ser mais estimulado com a criação de uma agenda que facilite a realização de entrevistas neste ou em outros locais.

Além disso, em projetos futuros sugere-se:

- ▶ Considerar um incremento no valor do incentivo, a exemplo do que ocorre na pesquisa TransNacional, como forma de aumentar a adesão das participantes em ambas as entrevistas (Ex: na entrevista *baseline* receberiam R\$30 e na entrevista de 9 meses receberiam R\$50).
- ▶ Considerar a possibilidade de ter uma pessoa na equipe exclusivamente responsável pela busca de potenciais participantes e realização das atualizações de cadastro no decorrer da pesquisa. Dessa forma, seria possível conectar as informações de contato coletadas pelos(as) entrevistadores(as) e as informações obtidas pelas NP, para que se amplie as possibilidades de encontrar as participantes com dificuldades de contato ou com perda de seguimento.
- ▶ Inserir no planejamento a distribuição de *kits* de alimentação, assim como ocorre na pesquisa TransNacional. Embora as participantes não realizem exame de sangue, muitas delas chegam cedo ao serviço de saúde para outros atendimentos, e esperam até serem entrevistadas; ou então ficam um bom tempo do início do processo de elegibilidade até o fim da entrevista.
- ▶ Considerar a possibilidade de implementar e incentivar ações para retenção de participantes (controles e de intervenção), como sorteios e maior ênfase e incentivo para participação em oficinas e reuniões coletivas.
- ▶ Reforçar o treinamento de toda a equipe antes da pesquisa, e inserir apoio e supervisão emocional durante o período em que forem realizar recrutamento, entrevistas e retenção de participantes, sempre que trabalharmos com questões muito sensíveis, como saúde mental, diagnóstico e tratamento do HIV, apoio social, ideação suicida, discriminação, violências verbais, físicas e sexuais, entre outros); e preservar espaço para compartilhar possíveis dificuldades e discussão de orientação em como conduzir essas questões.
- ▶ Fortalecer o contato entre redes, não apenas com o CRT, mas com demais instituições de apoio social como o Centro de Referência e Diversidade (CRD), Centros de Saúde LGBT, Consultório na Rua, entre outros para viabilizar o trabalho em rede com o CRT e os profissionais da rede de assistência social, Secretaria de Direitos Humanos, e Pesquisa TransNacional para minimizar perda de seguimento, e consolidar o acompanhamento com as participantes

nesse estudo. A apresentação do projeto e da equipe de trabalho e o reforço de parcerias pode facilitar a localização e efetividade de qualquer tipo de tentativa de contatar e apoiar as participantes ao longo da pesquisa, seja pelas entrevistadoras e/ou NP.

- ▶ Com base na experiência do “Espaço NUDHES” e da oficina de dança, ter um espaço fixo onde as participantes possam reconhecer como “espaço da pesquisa”, com acolhimento para conversar sobre temas diversos e tomar um café, pode ser um meio efetivo para ampliar a retenção e engajamento das participantes em estudos longitudinais como o TransAmigas.
- ▶ Considerar a complexidade de pesquisas desta natureza e as dificuldades enfrentadas pela equipe na pesquisa, além do inicialmente antecipado, reforçam o papel do trabalho em grupo, que pode e deve ser construído com solidariedade, compromisso, mas fundamentalmente com afeto, e muito respeito. Para tanto, uma definição clara de papéis e de responsabilidade, onde se compartilhem momentos de angústia, pactuações, mas também espaços coletivos celebrações. Não conseguimos construir um espaço regular para pensar a pesquisa e os seus resultados, problemas, erros e acertos durante o campo. Dificuldade com muitas pessoas da equipe com limitações de tempo para reuniões.
- ▶ Continuar aprofundando o entendimento e implementação da navegação de pares, como reforçar a papel das NP sem comprometer seu trabalho com as participantes, sem comprometer o andamento do estudo. Explicitamente como se dá a inserção das NP com o restante da equipe, desde o início, sabendo que dependendo dos diferentes perfis, podem precisar de apoios diferenciados para conseguir realizar o seu trabalho. Reforçar o treinamento e o acompanhamento durante todo o processo. Não é fácil para elas entrar em choque com as vivências que espelha, as suas próprias e que elas querem esquecer.

# ANEXO I

## QUADRO RESUMO DAS ATIVIDADES QUE OCORRERAM EM CADA UMA DAS ETAPAS DO PROJETO

| Etapas              | Atividades  |
|---------------------|---|
| Captação            | Estratégias de divulgação da pesquisa internamente no CRT e extra muro<br>Levantamento das reuniões e estratégias para a informação chegar nas potenciais candidatas a participantes  |
| Triagem e inscrição | Organização física (Identificação de local adequado para as entrevistas)<br>Avaliação de elegibilidade das potenciais participantes<br>Entrevistas de <i>baseline</i><br>Supervisões de acompanhamento junto às entrevistadoras e equipe de TI do CRT<br>Apoio técnico em Tecnologia de Informação (TI) e resolução na aplicação do questionário <i>baseline</i><br>Interface com a equipe multidisciplinar do CRT, que incluiu CTA, Acolhimento, SAME, Ambulatório de HIV, Ambulatório de Travestis e Transexuais, Pesquisa, Área de TI (Prontuário Eletrônico)<br>Estratégias para aumentar o nº de inscritas |
| Seguimento          | Ligação de 3 meses<br>Entrevistas de 9 meses<br>Extração de dados clínicos (medicamentos, exames, consultas e demais procedimentos)<br>Manejo das perdas (participantes, NP e equipe de pesquisa)<br>Definição de critérios e estratégias de enfrentamento<br>Recargas (monitoramento de mudanças de números de celulares e de evitar fazer recargas para que não está mais em seguimento)<br>Entrevista final em profundidade com NP   |